

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Jeniffer Pinto da Silva

**VIAJAR *ENTRE* MIM E NÓS:**  
NÓS (DES) ATADOS PELOS AMORES DE MÃES

Santa Maria, RS, 2022

**Jeniffer Pinto da Silva**

**VIAJAR *ENTRE* MIM E NÓS:  
NÓS (DES) ATADOS PELOS AMORES DE MÃES**

Trabalho de pesquisa apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Andrea do Amparo Carotta de Angeli

Santa Maria

2022

**JENIFFER PINTO DA SILVA**

**VIAJAR *ENTRE* MIM E NÓS:  
NÓS (DES) ATADOS PELOS AMORES DE MÃES.**

Trabalho de pesquisa apresentado ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**

Aprovado (a) em 13 de dezembro de 2022:

  
\_\_\_\_\_  
**Profª Drª Andrea do Amparo Carotta de Angeli,  
Departamento de Terapia Ocupacional da UFSM  
(Orientadora)**



\_\_\_\_\_  
**Profª Drª Flavia Liberman Caldas  
Curso de Terapia Ocupacional  
Programa de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde Modalidade Profissional  
da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Baixada Santista.  
(videoconferência)**

Santa Maria, RS

2022

## RESUMO

**VIAJAR *ENTRE MIM E NÓS*: NÓS (DES) ATADOS PELOS AMORES DE MÃES**

AUTORA: Jeniffer Pinto da Silva

ORIENTADORA: Andrea do Amparo Carotta de Angeli

Esta viagem à qual os convido, caras leitoras e leitores, pretendia solucionar os problemas sociais através das relações entre mães e filhas. Para provar que as mães eram responsáveis maiores pelos males sociais, convidei uma série de viajantes-autores, como Laura Gutman, Simone de Beauvoir e Bell Hooks. Estudei com elas o “estado da arte” da maternidade. Com as contribuições de Chopra e Nietzsche, fui cartografando humanidades e percebendo meus próprios ressentimentos, e com Renato Nogueira e Suely Rolnik, consegui olhar as potências transformadoras que habitam essas relações micropolíticas. No segundo capítulo, viajo na micropolítica de meu próprio cotidiano, com os diários *mãetinais*, inspirados em Julia Cameron e seu livro “O Caminho do Artista”. Este nó se fez possível (des)atar no coletivo do grupo de orientação onde, após ter me perdido, nos (re)encontrei. Trago de mim, Mãe *com* Filha, para nós - mães, filhas e mães *com* filhas - que desejamos amar (através de ações e escolhas), pistas para pensar nosso lugar no mundo, de forma macro e micropolítica, decolonial e *infancializante*.

**Palavras-chave:** Cartografia. *Infancialização*. Relação mãe-filha.

## ABSTRACT

**TRAVEL *BETWEEN ME AND US*: KNOTS UNTIPPED BY MOTHER'S LOVES**

AUTHOR: Jeniffer Pinto da Silva

ADVISOR: Andrea do Amparo Carotta de Angeli

This journey to which I invite you, dear readers, was intended to solve social problems through the relationships between mothers and daughters. To prove that mothers were most responsible for social ills, I invited a number of traveler-authors such as Laura Gutman, Simone de Beauvoir and Bell Hooks. I studied with them the “state of the art” of motherhood. With the contributions of Chopra and Nietzsche, I mapped the humanities and realized my own resentments, and with Renato Noguera and Suely Rolnik, I was able to look at the transforming powers that inhabit these micropolitical relationships. In the second chapter, I travel in the micropolitics of my own daily life, with my mother's diaries, inspired by Julia Cameron and her “Artist's Book”. This knot became possible to (un)tie in the collective of the orientation group where, after having lost myself, I (re)found ourselves. I bring from myself, Mother with Daughter, to us - mothers, daughters and mothers with daughters - that want to love (through actions and choices), clues to think about our place in the world, in a macro and micro political, decolonial and *infantilizing* way.

**Keywords:** Cartography. *Childfication*. Mother-daughter's relationship.

## SUMÁRIO

amor “de mãe” é ocitocina/filho não é coisa - só - de mãe .....	6
<b>MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>10</b>
Capítulo 1: o "estado da arte" da maternidade: comigo, bell hooks, Laura Gutman e Simone de Beauvoir, entre outros .....	18
Capítulo 2: as relações <i>entre</i> mães e filhas pelas janelas sociais e subjetivas: encontrando caminhos para outras possibilidades .....	38
Considerações <i>entre</i> nós; diário final. mortes não finais .....	58
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>

## amor “de mãe” é ocitocina/ filho não é coisa - só - de mãe

*“As pessoas grandes não aprendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, ficar toda hora explicando”<sup>1</sup>*

Quando me tornei Mãe, do ponto de vista fisiológico, quando pari minha Filha, durante as trinta e quatro horas de contrações e dores quase ininterruptas, em nenhum momento senti algum toque mágico ou angelical. Nenhuma harpa tocou e a única coisa em que me concentrei era a certeza de que ia passar. Tentava respirar “corretamente”, e só queria que a Filha nascesse bem. Nasceu, mas não tão bem. Não tive minha hora dourada, talvez foi isso.

Que quando a segurei em meus braços, não chorei. Sorri. Mas daquela fofura tão pequena e imóvel, os olhinhos semicerrados e não, não era amor ainda. Era ocitocina. Fui aos poucos me apaixonando pelos sorrisinhos, os barulhinhos, os trejeitos, os olhares. Mas o amor tem vindo agora, nos dias difíceis. Quando paro de *ter* uma Filha e passo a ser *sua* Mãe. É nesse momento que os pilares da Bell Hooks começam a fazer sentido, e sinto muita necessidade de autocontrole, dedicação e boa vontade. E terapia.

E seu corpo vibrátil vai mais longe: tais intensidades, no próprio momento em que surgem, já traçam um segundo movimento do desejo, tão imperceptível quanto o primeiro. Ficam ensaiando, mesmo que desajeitadamente, jeitos e trejeitos, gestos, expressões de rosto, palavras... É que, você sabe, intensidades buscam formar máscaras para se apresentarem, se “simularem”, sua *exteriorização depende de celas tomarem corpo em matérias de expressão*. Afetos só ganham espessura de real quando se efetuam. (ROLNIK, 2011, p. 31)

Escrevo politicamente, a uma sociedade adoecida, porém cheia de potencial para lutar por justiça e amor, “[...] pois paz sem voz, paz sem voz, não é paz, é medo”<sup>2</sup>. Paz na terra aos homens de boa vontade<sup>3</sup>. Maternar, amar minha Filha é, para mim, um processo contínuo repleto de contradições. É difícil e exaustivo, por isso mesmo precisa ser desejado, mais que isso, é preciso haver disposição e

<sup>1</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, 2016 p.11

<sup>2</sup> O Rappa. **Minha alma (A paz que eu não quero)**, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8anZxo3jk4A>>. Acesso em 19 nov 2022

<sup>3</sup> O Evangelho de Lucas, Capítulo 2, versículo 14. A Bíblia Sagrada.

comprometimento. É preciso haver boa vontade, muito mesmo, para (se fazer) ouvir, *devir* pacificamente.

Por que “viagem”? que significados tem para mim essa palavra? Em que penso, o que sinto quando minha mente é tocada por tal substantivo? Penso em, literalmente, conhecer lugares diferentes. Nos costumes, nas formas de existir, nas comidas, cheiros, pessoas, religiões. Então viajo metaforicamente, quando leio - As Viagens de Gulliver (SWIFT, 1726); Viagem ao centro da terra (VERNE, 1964), assisto filmes - As Viagens de Gulliver (Rob Letterman, 2011<sup>4</sup>); Viagem ao centro da terra (Eric Brevig, 2008<sup>5</sup>) -, séries (Dr. Who<sup>6</sup>), documentários (As casas mais extraordinárias do mundo<sup>7</sup>). Quando mergulho na minha própria mente, uma das viagens mais complicadas e arriscadas que tenho feito.

Uma parte de mim, bem escondida, talvez na minha *sombra* (GUTMAN, 2017. p. 22-28), escolheu essa palavra para zombar de mim. Para debochar do fato de eu achar que posso escrever. Quem, eu? A filha alienada de dois cristãos alienados, machistas alienados, um pai negro alienado, de uma cidade pequena cheia de alienação? Acredito que tenha escolhido esse termo, parcialmente ao menos, porque pode soar pejorativo.

Mas por que viajar aparece como uma coisa ruim, carregada de julgamentos, na voz de meus ancestrais? Talvez ressoa em mim como algo ruim a viagem, num eco de minha mãe, tentando me proteger de mim mesma. Aparentemente, viajar é considerado perda de tempo, um luxo para quem pode.

E não o é, de fato? Tem o viajar que exige capital social, o viajar que exige capital financeiro, e o viajar para dentro de si, na imaginação, que exige um capital simbólico, de recursos trazidos (na maioria das vezes, perdidos) da infância. Na voz da minha mãe, dentro da minha mente, ouço em tom extremamente crítico e até humilhante (desencorajador, para a criança que eu era, propondo minhas ideias, expondo minha pequena alma criativa, ensaiando minhas primeiras viagens): “Pára

---

<sup>4</sup> disponível no Disney +. Acesso em 19 nov 2022.

<sup>5</sup> disponível no Disney +. Acesso em 19 nov 2022.

<sup>6</sup> **Doctor Who** é uma continuação, produzida e transmitida pela *BBC* desde 2005 até o presente ano, da série de ficção científica britânica, também produzida e transmitida pela *BBC* em 1963.

<sup>7</sup> **The World's Most Extraordinary Homes** é uma minissérie documental britânica apresentada por Piers Taylor e Caroline Quentin e é transmitida pela *BBC Two*. A série também foi escolhida pela Netflix entre março de 2018 e julho de 2022.

de viajar, gurial!”. Não eram as palavras. Era o tom em que foram ditas. Um tom que ressoa abandono, deboche, até uma certa inveja. De mim, por eu ter ainda conservada a capacidade de viajar, de criar, de imaginar. Uma capacidade que foi podada muito cedo da infância de minha mãe.

Minha mãe teve sua primeira boneca aos nove anos. Uma boneca qualquer, de pano, usada, suja; e minha mãe sentiu-se feliz, sentiu-se criança. Por algumas horas, antes de meus avós decidirem que a prima *fulana*, por ser mais nova, precisava mais da boneca (do que minha mãe, que quando era mais nova, nunca teve). Então, a contragosto, ela doou sua primeira boneca, duas horas depois. “Só as crianças sabem o que procuram [...]. Perdem tempo com uma boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...” (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p. 92).

Não posso evitar pensar que esse foi um daqueles momentos decisivos, onde minha mãe aprendeu a doar tudo de si, mesmo não querendo. E doando tudo de si desde muito criança, sobrou muito pouco para ela. Menos ainda para os filhos. É difícil não sentir empatia, ao olhar para trás (viajar?) e ver as crueldades vivenciadas por ela, e o quanto isso nos afeta até hoje, até à Filha. Eu até hoje desconfio que o amor, o sentimento doce de querer o bem de alguém e fazer movimentos práticos para atingir tal objetivo, começa na relação de minha mãe comigo. Amor dentro da pista que encontrei dentro dos achados de Bell Hooks, em *Tudo sobre o Amor*.

Imagine quão mais fácil seria para nós aprendermos como amar se partíssemos de uma definição coletiva. A palavra “amor” é, na maioria das vezes, definida como um substantivo, ainda que os teóricos do amor mais espertos reconheçam que nós amaríamos melhor se usássemos como um verbo. Eu passei anos pesquisando por uma definição relevante da palavra “amor”, e fiquei profundamente aliviada quando encontrei uma no clássico de auto ajuda *The Road Less Traveled* do psiquiatra M. Scott Peck, primeira publicação em 1978. Em ressonância com o trabalho de Erich Fromm, o escritor define amor como “a vontade de estender o próprio ser com o propósito de nutrir a si mesmo ou a outrem em seu crescimento espiritual”. Explicando mais a fundo, ele continua: “O amor é à medida em que o amor age. Amor é um ato de desejo - nomeado, tanto uma intenção quanto uma ação. Desejo também implica escolha. Nós não temos o dever de amar. Nós escolhemos amar”. Considerando que é preciso que uma escolha seja feita para nutrir o crescimento, esta definição contrapõe a suposição mais largamente aceita, a de que amamos instintivamente. (2001. p.4-5)<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Imagine how much easier it would be for us to learn how to love if we began with a shared definition. The word "love" is most often defined as a noun, yet all the more astute theorists of love acknowledge that we would all love better if we used it as a verb. I spent years searching for a meaningful definition of the word "love," and was deeply relieved when I found one in psychiatrist M. Scott Peck's classic self-help book *The Road Less Traveled*, first published in 1978. Echoing the work of Erich Fromm, he defines

Outra constatação importante quanto ao título do trabalho: quando falo em “nós (des)atados”, em um primeiro momento aplico um juízo de valor, intenciono polarizar o que é e o que *deveria* ser. Porém, ao longo do processo

[...] de elaboração desta cartografia sentimental [...] que, como toda cartografia [...] foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles (ROLNIK, 2011, p.26),

das leituras, escritas e principalmente, das trocas com o grupo, percebo que há uma necessidade de acompanhar os processos, atar e desatar nós, e reatar e desatar novamente, em um contínuo movimentar-se que é a vida. E como não falar de vida, enquanto processo e movimento, quando falo de mim-Mãe?

É com toda essa arrogância e coragem que me exponho, despida de minhas defesas, encolhida de medo, apavorada com a ideia de alguém ler, de alguém me ver, de alguém adivinhar que choro atrás de todas essas palavras. As palavras jorram de mim, exigem que as escreva.

Vamos viajar entre mim e nós, pelas muitas versões de mim que encontrarmos? Mãe, filha, mulher, companheira, estudante, atriz, paciente, escritora, pesquisadora, criança, adolescente, adulta, corajosa, frágil, evitativa, *borderline*. Minha intenção aqui, a minha “vontade criadora” (NIETZSCHE, 2012), é a de ser exemplo. Poder dizer para minha filha, para meu companheiro, para quem vier a ler meus escritos, a máxima: “Se der medo, vive com medo mesmo. Como eu tenho vivido’. Mas lembre-se de parar para rever o caminho, desviar, fazer algum respiro”. Parar assim, mas como numa pausa, com a intenção muito nítida de seguir.

---

love as "the will to extend one's self for the purpose of nurturing one's own or another's spiritual growth." Explaining further, he continues: "Love is as love does. Love is an act of will-namely, both an intention and an action. Will also implies choice. We do not have to love. We choose to love." Since the choice must be made to nurture growth, this definition counters the more widely accepted assumption that we love instinctually. (2001. p.4-5) *Tradução livre*

## MATERIAIS E MÉTODOS

*investigação. autoinvestigação. qual crime? Sherlock Holmes. dias da infância. livros. leituras. Vida como nome fictício pra Filha*

Como estamos ouvindo e interpretando as crianças, enquanto sociedade adultocêntrica<sup>9</sup>? Como estamos ouvindo a nós mesmos e respondendo às necessidades trazidas pelo nosso corpo e mente? O que seria uma escuta adequada? É possível ouvir as crianças sem ter sido ouvido quando foi uma<sup>10</sup>? Ouvir as crianças de forma honesta e respeitosa pode mudar o mundo? Como nos ouvir e ouvir as crianças de uma forma honesta e respeitosa, reconhecendo nossas projeções e as reais necessidades trazidas pelo outro? Laura Gutman acredita que este seja um pilar fundamental, e sugere uma ferramenta-ação em seus escritos:

Perguntar por todo o leque de vivências e emoções, situá-las e nomeá-las e ajudar os adultos a falar de si mesmos na primeira pessoa do singular é a primeira tarefa a fazer antes de incomodar os menores com entrevistas, testes intermináveis e diagnósticos cheios de palavras complicadas (2017. p.127)

Tem uma idade limite para aprender a ouvir? Eu acredito na terapia como um caminho para se conhecer e aprender a se ouvir melhor. Que outros caminhos<sup>11</sup>? Pode uma pesquisa de TCC abrir algum caminho real de mudança<sup>12</sup>? Como posso usar os campos de conhecimento já postos para conduzir essa pesquisa da forma mais respeitosa possível à complexidade do ser humano?

Que outros saberes e culturas<sup>13</sup> podem contribuir também para o entendimento das crianças? Como? Ligando sua frequência na busca por pistas e viajantes, cujos

[...] conceitos abandonam a perspectiva colonizadora de que somos preparados para dominar, enfatizando que seres humanos, animais não-humanos e o meio ambiente não estão à disposição e devemos tratar os seres vivos sem utilitarismo, ou seja, como parte de nós. (NOGUERA, 2018. p.625)

Até chegar nessas questões, pensamentos e filosofias, percorri um longo caminho; desde 2015, para ser aproximadamente pontual. Caminho esse em

---

<sup>9</sup> MACHADO, 2010

<sup>10</sup> GUTMAN, 2016

<sup>11</sup> HOOKS, 2001

<sup>12</sup> ANZALDUA, Gloria. 1979

<sup>13</sup> SOMÉ, Sobonfu, NOGUERA, 2017

que se atravessavam muitos eus. Tentava manter o personagem de “boa aluna”; desesperadamente me agarrava a um papel que já nem existia, e quanto mais esforço punha naquele roteiro, menos e menos energia restava para me autoconhecer. Pois estava a suprimir meus desejos, minhas curiosidades, meus “defeitos”. Como uma perita, quase 20 anos de treinamento pesado em ser a filha dos sonhos cor-de-rosa da minha mãe. Aqui acho importante apontar uma relação *entre* a relação mãe-filha minha própria, eu-filha, com a mãe caracterizada por Simone de Beauvoir (p. 323, 2016), que vê na filha criança a boneca que (não) teve na infância, e ali deposita os mesmos afetos controversos de lá.

E durante esse tempo em que estava tentando ingressar na vida adulta e incrementar na personagem a maturidade precoce, aquela que minha mãe sempre elogiou, o que eu estava passando, em matéria de desejos, sentimentos e o mais importante, escolhas e atitudes, refletia em absoluto uma adolescência tardia. Compulsões de todo tipo e auto agressões, além de colocar-se nas mais variadas situações de risco; a imponente ousadia de quem ingenuamente acredita que desafiar o poder, na solidão de si e das lágrimas, poderia dar bons frutos.

Começa a crise identitária do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Em matéria de influências externas e poderosas, passei por três orientações, às quais por motivos éticos não apontarei nomes; contudo, atribuirei comparações: a primeira foi excelente em orientar academicamente, porém falhou em acolher o ser humano que existia naquele contexto, e que encontrava-se em situação de muita fragilidade. Falhou porque também havia uma humana por trás da orientação, obviamente. A segunda foi maravilhosamente acolhedora, como um abraço apertado e um chocolate quente no inverno. Porém, devido a áreas de abordagens e saberes metodológicos distantes, não convergiam as formas de pesquisar e de escrever.

Por fim, a terceira. Onde estamos. Onde tem chocolate quente e muitas convergências teóricas, práticas e acredito que, acima disso, éticas. Esse encontro, entre eu, a Andrea e o método cartográfico de pesquisa, equipara-se ao estado de consciência que fui processando ao saber que ia parir uma criança, possivelmente. É uma relativa calma, de quem não tem certeza do que vai acontecer, mas sente-se apoiada e assistida, e disposta a aventurar-se nessa roda. Porque desse processo de maturação lento e bonito, dessas imersões nos grupos, em si mesma, nos coletivos,

na própria maternagem coletiva, desse processo surge uma consciência em devir. E surgem muitas palavras e muitos pensamentos e inúmeros desvios.

No início, pretendia avaliar e comparar as mães e filhas de três gerações, para comprovar problemas e encontrar soluções. Aos poucos, foi se contornando uma nova forma de pensar a pesquisa, conforme fui tomando conhecimento da cartografia como método. Pensamos em conjunto, como grupo, e fui selecionando materiais audiovisuais, optei também pelos diários, e queria cartografar minha própria relação com a Filha, em comparação com uma relação entre Sheldon e sua mãe (Young Sheldon)<sup>14</sup>. Foi acontecendo um afastamento natural deste material, culminando com a perda da assinatura do serviço de streaming. Assim, aos poucos, vou aprendendo a desapegar, a vivenciar o processo e os devires, e cheguei num lugar que “acho que pode ser bom”, como costuma dizer a orientadora.

Essas considerações feitas, acredito que a pesquisa seja exploratória, pois tenho a intenção de ampliar as conversações sobre maternidade, quem sabe somar meus escritos junto a tantos outros, alguns dos quais aqui referenciados, alguns ainda não encontrados, alguns ainda não paridos. Dentro dessa caixinha da exploratória, arrisco dizer que seja um estudo de caso, conforme Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos:

Outra classificação de pesquisa diz respeito a seus objetivos. Nesse caso, elas podem ser **exploratórias** (possibilitam maior familiaridade com o problema e a construção de hipóteses), **descritivas**, **explicativas**. Com base em Selltiz, Gil (2016a, p. 27) afirma que na **pesquisa exploratória** a coleta de dados compreende: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes em relação ao assunto, análise de exemplos. Seriam pesquisas exploratórias: pesquisa bibliográfica, estudo de caso (2017. p.296)

Acredito também que minha pesquisa possa estar de acordo com os critérios propostos por John Creswell (2020), do que seriam características fundamentais a uma pesquisa de natureza qualitativa: ambiente natural, o pesquisador como um instrumento fundamental, múltiplas fontes de dados (séries, documentários, livros, páginas nas redes sociais - mídias que foram sendo selecionadas pela escritora ao longo do processo, e então referenciadas na pesquisa), análise de dados indutiva, lente teórica, investigação interpretativa. E um dos meus favoritos:

---

<sup>14</sup> **Young Sheldon**, 2017 - hoje. Emissora original: CBS. Criadores: Chuck Lorre, Steven Molaro Disponível na HBO Max.

Projeto emergente – O processo de pesquisa dos pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito, e que todas as fases do processo podem mudar ou se deslocar depois que o pesquisador entrar no campo e começar a coletar os dados (p.230).

Por último, mas não menos importante, o relato holístico, definido como:

Os pesquisadores qualitativos tentam desenvolver um quadro complexo do problema ou questão que está sendo estudada. Isso envolve o relato de múltiplas perspectivas, a identificação dos muitos fatores envolvidos em uma situação, e, em geral, o esboço do quadro mais amplo que emerge. Esse quadro ampliado não é necessariamente um modelo linear de causa e efeito, mas um modelo de múltiplos fatores que interagem de diferentes maneiras. Esse quadro, diriam os pesquisadores, reflete a vida real e como os eventos operam no mundo real. (Ibidem, p.152)

O relato holístico aqui é uma intenção ousada, porém possível, e acredito que o método cartográfico de pesquisa será de fundamental importância para ampliar ainda mais esta característica, trazendo o processo e o movimento do contexto como forma de afinar este tema tão delicado e inconstante, que é a relação entre mães e filhas.

Ao cartografar, estarei também cartografando o método cartográfico de pesquisa. Explico: sendo este projeto meu primeiro encontro com o conceito de cartografia, fui buscando pistas cartográficas para cartografar novas pistas sobre o tema propriamente dito, e então, cartografei os objetivos ao longo de todo esse processo. Encontrei um questionamento - que simpatiza com algo que eu havia localizado em meu subjetivo antes do contato com este outro ser subjetivo, que *subjetivou* essa ideia temporalmente antes que eu o fizesse - , já na primeira leitura:

[...] como estudar processos acompanhando movimentos, mais do que apreendendo estruturas e estados de coisas? Investigando processos, como lançar mão de um método igualmente processual? Como assegurar, no plano dos processos, a sintonia entre objeto e método? (PASSOS, 2010. p. 8)

Como lidar com essa angústia da pesquisa e aprender a curtir os processos? Vivenciar a infância, devir com a criança, é possível aos adultos que somos? Se não ainda, pode vir a ser possível aos adultos que seremos?

Acredito que, quando se trata do estudo das relações entre mães e filhos, em uma sociedade adultocêntrica, mas que adota ao mesmo tempo um discurso protetivo sobre as crianças e as mães, que se move entre esses dois pólos, entre proteger e oprimir; quando se trata deste objeto de pesquisa, a cartografia serve

como uma luva, em sua sensibilidade e preocupação em acompanhar os processos, e de também ser processo.

A natureza política do método cartográfico diz respeito ao modo como se intervém sobre a operação de organização da realidade a partir dos eixos vertical e horizontal. Grosso modo, podemos dizer que a operação de organização hegemônica/majoritária do socius se dá na forma da conexão entre variáveis menores em oposição a variáveis maiores. Por outro lado, há outra operação, dita operação transversal, que conecta devires minoritários. (PASSOS, 2009. p.28)

Nesse sentido, a intenção foi de encontrar nessa própria relação as pistas necessárias, cartografando para chegar aos lugares da pergunta da pesquisa: podem as relações entre mães e filhos serem um pivô importante para a constituição da violência estrutural social? Nos próprios materiais cartográficos, encontro uma pista importante, trazida da psicanálise:

A individuação psíquica advém quando a problemática interior do vivo o obriga a posicionar-se como elemento do problema através de sua ação, sendo essa a condição que lhe confere a posição de sujeito. Mas, se o processo é ininterrupto, o ser psíquico não resolve, ele mesmo, a sua problemática, sendo forçado a ultrapassar os seus próprios limites, agora numa individuação do coletivo. (PASSOS, 2009. p.23)

Trata-se de explorar as nuances dessas relações, “[...] não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado (CRESWELL, 2010. p.43)”. O fato de ser uma pesquisa qualitativa tem a ver com meu maior interesse em aprofundar e compreender essas duas dinâmicas relacionais em processo em ambas as histórias.

A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação. (Ibidem, p.206)

Considere-se, porém, que a autora reconhece seu pouquíssimo saber sobre cartografia, e considere também a sugestão dos autores de que a observação “[...] realizada por uma equipe é mais aconselhável do que a individual, visto que o grupo pode observar a ocorrência por vários ângulos, corrigir distorções e enxergar aspectos diferentes” (MARCONI, 2021, p.224). O que ocorre ao pesquisador que se propõe a observar(-se) individualmente é que pode,

[...] por um lado, a personalidade dele [...] projetar-se sobre o observado, fazendo algumas inferências ou distorções, pela limitada possibilidade de

controle; por outro lado, pode intensificar a objetividade de suas informações, anotando os eventos tal como se dão. (Idem, 2017, p.314)

Por outro lado, ainda, pode ser que o efeito “indesejado” do primeiro lado tenha sido, na verdade, desejado na pesquisa em projeto. Na cartografia, a “[...] precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS, 2009, p.11). Além disso, o próprio grupo reunido em orientações semanais e quinzenais participou ativamente do processo de pesquisa, apontando caminhos e sugerindo materiais, além de compartilhar as próprias histórias e devires, contribuindo para alinhar os devaneios da Mãe pesquisadora com as realidades mais duras.

Um dos objetivos é aprofundar-se qualitativamente em um processo cartográfico dessas relações em discussão (a saber, Mãe-Filha), vez ou outra, especulando semelhanças e similitudes (FOUCAULT, 2008), e diferenças e oposições entre um e outro processo, descobrindo novos caminhos possíveis para ampliar os horizontes dessas relações tão matrizes, tão fundamentais na constituição dos indivíduos (GUTMAN, 2013), que constituirão a sociedade (ESCÓSSIA, 2005). Seria precipitado dizer que essas relações podem transformar o mundo, para *Além do bem e do mal*, continuamente e atemporalmente?

[...]que tenha razão mesmo diante dos pores-do-sol castanhos do deserto, uma música cuja alma seja aparentada com a palmeira, e que saiba se aclimatar e vaguear entre grandes, belos e solitários animais de rapina... Eu poderia imaginar uma música cuja mais rara magia consistisse em que ela nada mais soubesse do bem e do mal, sobre a qual, talvez, apenas passasse correndo vez por outra alguma nostalgia de marinheiro, algumas sombras douradas e fraquezas delicadas: uma arte que visse a uma grande distância que as cores de um mundo *moral* soçobrate, que quase se tornou incompreensível, buscam refúgio junto a ela, e que fosse hospitaleira e profunda o bastante para receber tais fugitivos tardios. (NIETZSCHE, 2010. p.204)

Disso pretendeu-se conectar, costurar, fiar, tecer (-se) a pesquisa como numa roda, onde estamos eu-escritora, investigando, perguntando, especulando. Você, orientadora; você, avaliadora; observando atentamente à procura de lugares onde caibam sugestões, correções, inspirações. E todas estas escritoras, escritores e pesquisadoras e pesquisadores, que fornecem muitas pistas para muitos lugares e direções. Como numa roda (NOGUERA, 2017).

Dentro da segunda pista, os autores abordam as quatro variedades de atenção do cartógrafo, das quais acessei a leitura das duas primeiras para o projeto.

São elas: o rastreo e a percepção háptica (toque).

Sobre o rastreo, “[...] o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo (PASSOS, 2010, p.40)”. Isto sendo considerado, “o objetivo é atingir uma atenção movente, imediata e rente ao objeto-processo, cujas características se aproximam da percepção háptica (Ibidem)”.

Já para investigar as pistas de forma mais profunda, é que a percepção háptica “mobiliza a atenção e requer uma ampla memória de trabalho para que, ao fim da exploração, haja uma síntese, cujo resultado é um conhecimento do objeto (Hatwell, Streri e Gentaz, 2000)” (Ibidem, p. 41):

Tomar o mundo como fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista; tomá-lo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento, é um outro tipo de política, que denominamos construtivista. Nesse sentido, realismo e construtivismo não são apenas posições epistemológicas abstratas, mas constituem atitudes investigativas diversas, reveladas, conforme veremos, em diferentes atitudes atencionais. (Ibidem, p.34)

Importante ressaltar que, dentro dessa forma de perceber a constituição do campo sempre de forma política,

[...] não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa. A formulação paradoxal de uma “produção dos dados” visa ressaltar que há uma real produção, mas que, em alguma medida, já estava lá de modo virtual. (Ibidem, p. 33)

O pesquisador, na cartografia, compreende que os atravessamentos do subjetivo necessariamente transformam e direcionam a pesquisa; por este motivo, os dados foram sendo produzidos, numa constante reinvenção de intenções.

É através da segunda variedade de atenção do cartógrafo, a atenção háptica, que “a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento, que constitui uma exigência positiva do processo de investigação *ad hoc* (Ibidem, p. 43)”.

Atravessam-me na construção do projeto e da pesquisa a visão de infância de Marina Marcondes Machado (2007) e a visão de infância (*infancialização*) de Renato Noguera (2018), a visão de mãe de Laura Gutman (2013, 2017), a teoria da sombra, de Deepak Chopra (et. al. 2010), a visão de amor de Bell Hooks (2001) e

a visão de comunidade e intimidade de Sobonfu Somé<sup>15</sup>, os escritos sobre mulheres escritoras de Gloria Andaluza (1979, 1981), uns mais, outros nem tanto, para influenciar o caminho traçado na observação dos processos de subjetivação entre a Mãe e a Filha.

Acredito que será uma bonita roda com muita gente narrando histórias, ao mesmo tempo sensíveis e potentes (as gentes e as histórias)

---

<sup>15</sup> SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.

## Capítulo 1

### o "estado da arte" da maternidade: comigo, bell hooks, Laura Gutman e Simone de Beauvoir, entre outros

*"[...] ninguém te avisou que as mulheres cujos os pés foram impedidos de correr dariam à luz filhas com asas (Ijeoma Umebinyuo)"<sup>16</sup>.*

As testemunhas de Jeová negando-se a permitir transfusões sanguíneas não são exatamente uma situação contemporânea. Filhos vem sendo propriedade dos pais há tempo demais ("tempo de sobra"), na minha opinião. Hoje em dia a questão do aborto vem sendo discutida mais abertamente, e vemos a grande comoção sobre os corpos das mulheres serem delas mesmas, incluindo seu útero e seu feto. O que (não) tem a criança, e por que a ela não se aplica essa obviedade de direitos? "Meu corpo, minhas regras". Sim, e para todos e todas e todinhos e todinhas! Ainda são marcados, da mesma forma que fazendeiros marcam "seus" animais (o que também tem seu tanto de bizarrice, mas isso é assunto pra outra história). Com nomes, sobrenomes, traumas, culpas etc. Simone não mede esforços para afirmar os absurdos que os defensores da vida protagonizam, e os poderosos permitem, e a sociedade como um todo, reproduz, quando

fecham os olhos à terrível tirania que exercem "em casas de educação" ou em residências privadas os carrascos de crianças; se recusam a admitir que o feto pertence à mulher que o traz no ventre, e asseguram por outro lado que [...] os filhos pertenciam aos pais, que qualquer controle estranho era inaceitável. (BEAUVOIR, 2016, p. 280)

O trecho acima é terrível, mas o exemplo do texto abaixo me dói o fundo do espírito, destrói um pouco da minha fé na humanidade. Descobre, talvez, mais um pedaço da minha sombra (CHOPRA, 2010, p. 55-57) e, segundo Chopra, é importante não perder o momento de acessá-la. Choro, não tem como não chorar. Não só pela mulher, mas por toda fêmea imersa nessa indústria capitalista, moralista, cheia de violências e sofrimentos que nós mesmos alimentamos todos os dias.

---

<sup>16</sup> GOULART, 2018, p. 4

No norte da África, a mulher árabe não tem a possibilidade de provocar voluntariamente o aborto: em cada dez filhos que concebe, sete ou oito morrem e ninguém se incomoda que as penosas e difíceis maternidades matem o sentimento materno. Se a moral se satisfaz com isso, que pensar de tal moral? (BEAUVOIR, 2016, p. 281)

Simone diz ainda, mais adiante que “O controle de natalidade e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades” (Ibidem, 289). Lembra ainda, que em alguns casos, “acontece à mulher desejar a maternidade sem poder obtê-la” (Ibidem p. 289). Sobre *desejar*, o que penso é uma frase repetida pelo meu companheiro: “querer algo não é motivo suficiente para tê-lo/fazê-lo”. Esse “desejo” é o próprio ego<sup>17</sup>, e devemos sempre desconfiar de seus motivos. Acolher, questionar, rir, chorar. Não necessariamente agir sobre essa vontade.

Além do que, o aborto ilegal é apenas um dos empecilhos para que a “escolha” de maternar seja mais consciente e genuína.

Vivemos em uma sociedade cheia de gente brigando contra a própria sombra, transformando todas as suas escolhas em destino, em vontade de deus; e as consequências são culpa do diabo, do olhar invejoso, etc.

Cheia de mães, mulheres, e filhos e filhas exatamente iguais a mim e a você, no sentido de tentar ocultar o que foi ensinado que é ruim, e mostrar só o que é considerado bom e correto. Chopra fala bastante sobre isso na primeira parte do livro “O Efeito Sombra: encontre o poder escondido na sua verdade”, e eu acredito que o título em si, esta tradução, fala de forma poderosa sobre a honestidade e a justiça, difíceis de exercer na prática cotidiana, mas, sem as quais, não há amor, em concordância com o que disse Bell Hooks: “O coração da justiça é falar a verdade, enxergando a nós mesmos e ao mundo da forma que realmente é, a despeito da forma que gostaríamos que fosse.”<sup>18</sup>.(2001, p.33);

disse o Chopra também sobre “**Fomentar culpa e vergonha:** Todos somos falíveis; não há ninguém perfeito. Mas, se você se sentir envergonhado de seus erros e culpado por suas imperfeições, a sombra ganha poder” (CHOPRA, 2010, p. 49-50).

Disse Bell Hooks sobre o amor romântico idealizado:

<sup>17</sup> HANNZ, Luiz. 2019. **Não escute seu verdadeiro eu.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fLkGgtXEdKM>>. Acesso em 20 jun 2022.

<sup>18</sup> The heart of justice is truth telling, seeing ourselves and the world the way it is rather than the way we want it to be. *Tradução livre*

O amor é à medida que o amor age, e é nossa responsabilidade amar nossas crianças. Quando nós amamos as crianças, demonstramos através de todas as nossas ações que não são nossa propriedade, que têm direitos - que respeitamos e asseguramos esses direitos.(2001, p. 30)<sup>19</sup>.

e também vêm nos alertar as muitas teóricas feministas (dois exemplos que aqui estão, Bell e Simone, entre tantas outras) sobre culpar e envergonhar as mulheres de seus corpos, e objetificar os filhos como se fossem o destino final a cumprir enquanto fêmeas, maravilhoso e terrível, ao qual estamos todas fadadas e devemos aceitar, tal qual a "virgem" Maria: com alegria no coração.

É preciso considerar de forma honesta o que as afirmações abaixo implicam na configuração social, na hierarquia que se forma quando se dá o filho à mãe como sua propriedade, seu brinquedo; exemplos de ferramentas-palavras que trago da filósofa supracitada, Simone de Beauvoir, a uma sociedade há muito adoecida:

“Pois se não é verdade que o aborto seja um assassinato, não pode, contudo, ser tratado como uma simples prática anticoncepcional; houve um acontecimento que é um começo absoluto e cujo desenvolvimento se detém” (2016, p. 287).

“Gravidez e maternidade são vividas de maneira muito diferente, caso se desenvolvam na revolta, na resignação, na satisfação, no entusiasmo” (p. 289-290).

“[...] as decisões e os sentimentos confessados da jovem mãe nem sempre correspondem a seus desejos profundos” (p.290).

“Há jovens que se comprazem em exercer a autoridade que a maternidade confere, mas, não estão dispostas a assegurar-lhe plenamente as responsabilidades” (p. 291).

“Há mulheres para quem as alegrias da gravidez e da amamentação são tão fortes que as querem repetir indefinidamente; sentem-se frustradas a partir do momento em que a criança é desmamada” (p. 295).

Há diferentes tipos de seres humanos, e se organizar direitinho, todo mundo (que quiser) transa. Para cada uma que queira gestar e parir muitas vezes,

---

<sup>19</sup> Love is as love does, and it is our responsibility to give children love. When we love children we acknowledge by our every action that they are not property, that they have rights- that we respect and uphold their rights. *Tradução livre*.

que se ache outra, outras, outros, a quem mais interesse acompanhar o processo de formação do ser humano, a quem encanta a tarefa de guiar o pequeno e a pequena pelos caminhos mundanos. Passou o tempo da sociedade meter a colher nessas relações, organizar, racionalizar, questionar.

[...] na futura mãe abole-se a oposição sujeito e objeto; ela forma com esse filho, de que se acha prenhe, um casal equívoco que a vida submerge; presa às malhas da natureza, ela é planta e animal, uma reserva de colóides, uma poedeira, um ovo; assusta as crianças de corpo egoísta e faz com que os jovens escarneçam, pois ela é um ser humano, consciência e liberdade, que se tornou um instrumento passivo da vida. (Ibidem, p. 295)

Que lindo e que terrível! E ao mesmo tempo, que nada. Que obviedade simples. Transformamos em pompas e galas, em violências e sofrimentos, em milagres e pecados, o simples processo reprodutivo. Complicaram. É nesse momento que fazemos juntas, eu, Simone e Bell Hooks, uma constatação óbvia: sendo gestar, parir, maternar um acontecimento tão intenso e arrebatador, mas, que idealmente, seria vivido com a simplicidade da natureza, sem grandes floreios e com muito respeito, e sendo determinante para a formação das pessoas que virão a constituir a sociedade:

É um paradoxo criminoso recusar à mulher toda atividade pública, vedar-lhe as carreiras masculinas, proclamar sua incapacidade em todos os campos e confiar-lhe o empreendimento mais delicado, mais grave que existe: a formação de um ser humano. (BEAUVOIR, 2016, p. 327)

Bell Hooks vem, algumas gerações depois, alguns quilômetros de distância, explicar os perigos desse paradoxo:

Se os direitos das crianças são negligenciados em qualquer lar, elas não têm nenhum recurso nas leis. Diferente das mulheres, que podem se organizar e protestar contra a dominação masculina, reivindicando justiça e direitos iguais, as crianças só podem contar com a ajuda de adultos bem-intencionados caso estejam sendo explorados e oprimidos em casa. (2010, p. 20)

Sobre isso, ainda, Simone afirma que o homem

[...] torna-se ilógico, mentiroso, caprichoso junto da mulher com quem 'se abandona'; o mesmo ocorre com ela em relação ao filho. E essa complacência é mais perigosa, porque ela pode defender-se melhor contra o marido do que o filho contra ela. (BEAUVOIR, 2016, p. 327)

Sobre as mentiras e manipulações, Bell Hooks afirma que os homens são mais autorizados a enganar e dissimular em seus relacionamentos privados.

Não por acaso, as mentiras que muitos meninos aprendem a contar para evitar magoar a mãe ou seja lá quem for se tornam tão habituais que eles

passam a ter dificuldade em distinguir entre mentira e verdade. Esse comportamento perpetua-se até à vida adulta. (2010, p. 37)<sup>20</sup>

Infelizmente, o caminho que vem sendo traçado através do feminismo ainda é frágil e, muitas vezes, deturpado. Em vez de nos afirmarmos nessa alteridade a que fomos submetidas, frequentemente buscamos nos igualar aos homens, para assim conseguir uma fatia de seus privilégios: “Homens aprendem a mentir como forma de obter poder, e mulheres não apenas fazem o mesmo como também mentem para fingir que não têm poder” (Ibidem)<sup>21</sup>.

Considerando o atual *status quo*, que não é muito diferente do paradoxo citado acima,

[...] é um erro tanto nefasto quanto absurdo pretender ver no filho uma panaceia universal. É a conclusão a que também chega H. Deutsch, na obra [...] em que estuda, através da sua experiência de psiquiatra, os fenômenos da maternidade. Ela coloca muito alto essa função pela qual considera que a mulher se realiza totalmente; mas com a condição de que seja *livremente* assumida e *sinceramente* desejada; é preciso que a jovem mulher se encontre numa situação psicológica, moral e material que lhe permita suportar o fardo, sem o que as consequências seriam desastrosas. É criminoso, em particular, aconselhar o filho como remédio a melancólicas ou neuróticas; faz-se com isso a infelicidade da mulher e da criança. A mulher equilibrada, sadia, consciente de suas responsabilidades é a única capaz de se tornar uma “boa mãe” (BEAUVOIR, 2016, p. 325).

Quais os sentidos/significados a autora citada pela Simone dá à liberdade e sinceridade?, em comparação com outros, como aqueles trazidos por Bell Hooks. Talvez a Simone tenha destrinchado antes, e eu não tenha pousado a atenção. Quando fala sobre mulheres “sadias”, sob qual “saúde” está operando? E qual moral? Pareceu-me um tanto preconceituosa, e suas afirmações soam bastante autoritárias para mim.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (ORGANIZACIÓN..., 2017), a prevalência dos transtornos mentais está aumentando a nível mundial causando efeitos negativos na saúde das pessoas e consequências graves tanto socioeconômicas como no âmbito dos direitos humanos. (DOMINGUEZ, 2018 p 272)<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Significantly, the lying many boys learn to do to avoid hurting Mom or whomever becomes so habitual that it becomes hard for them to distinguish a lie from the truth. This behavior carries over into adulthood. *Tradução livre.*

<sup>21</sup> Males learn to lie as a way of obtaining power, and females not only do the same but they also lie to pretend powerlessness. *Tradução livre.*

<sup>22</sup> Según la Organización Mundial de la Salud (ORGANIZACIÓN..., 2017), la prevalencia de los trastornos mentales está aumentando a nivel mundial, causando efectos negativos en la salud de las personas y graves consecuencias tanto socioeconómicas como en el ámbito de los derechos humanos. (DOMINGUEZ, 2018 p 272). *Tradução livre.*

Vou repetir um questionamento que tenho repetido há bastante tempo: está aumentando? Ou está aparecendo? Pois minha própria mãe não entra nessa conta da OMS, apesar de eu ter experimentado na pele suas insanidades. Insanidades jamais consultadas ou diagnosticadas. Insanidades medicadas, sem nenhum tipo de investigação sobre suas causas. O tratamento dos sintomas e a subnotificação das doenças. Como filha, eis minha história e a de tantas outras diante dessas mães-mulheres adoecidas, subjugadas e violentadas. Eis o que procuro identificar e minimizar, todos os dias, eis de que tento proteger minha Filha:

Quanto mais a filha cresce, mais o rancor rói o coração materno; cada ano encaminha a mãe para o seu declínio; de ano em ano o corpo juvenil se afirma, desabrocha, esse futuro que se abre à frente da filha, parece à mãe que lhe foi roubado; daí é que vem a irritação de certas mulheres quando as filhas têm as primeiras regras; querem-lhes mal por serem agora mulheres. A essa recém-chegada oferecem-se, contra a repetição e a rotina que são o quinhão da mais velha, possibilidades ainda indefinidas: são estas oportunidades que a mãe inveja e detesta; não podendo fazê-las suas, tenta constantemente diminuí-las, suprimi-las: prende a filha em casa, vigia-a, tiraniza-a, recusa-lhe todos os lazeres, propositadamente veste-a de modo ridículo, fica furiosa se a adolescente se pinta, se “sai”; todo seu rancor contra o mundo, ela o dirige contra essa jovem, vida que se lança para um futuro novo; tenta humilhar a jovem, ridiculariza suas iniciativas, zomba dela. [...] a atitude da mãe engendra na filha revolta e remorso ao mesmo tempo; a simples presença da mãe faz dela uma culpada e vimos que isso pode pesar muito sobre seu futuro; de uma maneira ou de outra, a mãe termina por aceitar sua derrota; quando a filha se torna adulta, uma amizade mais ou menos atormentada restabelece-se entre elas. Mas uma permanece desiludida, frustrada para sempre; a outra, muitas vezes, acredita-se perseguida por uma maldição. (BEAUVOIR, 2016, p. 323-324)

O exemplo da mãe que se ressentente com a filha ao vê-la desabrochar (trazido na citação acima), o qual vivenciei e me afeta até o dia de hoje, reflete os perigos de uma vida “perdida”, diferente daquela que se vive. Nietzsche, em seu livro “Assim falou Zaratustra”, faz uma bonita reflexão sobre como a sociedade em geral sente-se ressentida pelos dias passados, em um desejo (vontade) que não ocorreu da forma esperada, como um “assim foi” que frustra, por um “assim o quis” não alcançado; essas frustrações que sentimos, a inveja reprimida daqueles cujo tempo acreditamos ainda ter redenção, se projeta em forma de raiva e ressentimento:

“Assim foi”; assim é vontade do ranger de dentes e da solitária tributação. A impotência para o que é feito - é uma expectadora com raiva de tudo o que é passado. [...] Não se pode fazer para trás o que a vontade quer, pois ela não pode quebrar o tempo e o desejo do tempo - esta é a tribulação solitária da vontade. [...] O querer liberta: e o que é que a vontade inventa para se libertar da sua própria tribulação e zombar da sua masmorra? [...] Que o tempo não pode andar para trás é o que lhe dá muita raiva; aquilo que assim foi - é como se chama a pedra que não pode rolar. [...] E assim vai rolando as pedras com raiva e com mau-humor, e se vinga daquilo que não sente raiva nem mau

humor como ela. [...] Assim é que a vontade libertadora se torna torturante: e em tudo que é capaz de causar sofrimento ela se vinga porque não pode voltar no tempo. [...] “Castigo é como a própria vingança se chama: com uma mentira finge ter uma boa consciência”. “[...] E isto em si é a justiça, a lei do tempo pela qual seus filhos devem ser devorados” [...] Pode haver redenção quando há justiça eterna? Oh, a pedra do ‘assim foi’ que não pode ser rodada é eterna: assim como devem ser todos os castigos!” [...] “Nenhum ato pode ser aniquilado: como poderia a pena ser desfeita pelo castigo? Este é o castigo eterno da ‘existência’, que também, deve ser de novo e para sempre, um ato e uma culpa! [...]”. (2012, p. 141-142)

Aparece aqui um dos perigos do arquétipo da sombra, proposto por Yung, apresentado por Deepak Chopra<sup>23</sup> na primeira parte do livro: nos recusamos a admitir que sentimos inveja de nossas filhas. Não somos apenas mães, somos mulheres, ensinadas a competir entre nós. Admitir que sentimos inveja não nos transforma em péssimas mães. Nos ajuda a compreender certos padrões de sentimento e parar de projetar essas negatividades mal resolvidas sobre os outros, sobre os filhos.

Na mesma passagem, citada acima, Nietzsche nos exorta a aceitar nosso passado como nosso, pelo entendimento de que, em maior ou menor grau, foi nossa própria “vontade”, nossas escolhas, que nos trouxeram onde estamos.

“[...] A menos que a vontade deva, por fim, entregar-se e que o querer esteja disposto a se tornar o não querer” [...]. Eu vos conduzi para longe daquelas canções fabulosas quando vos ensinei que “a vontade é criadora”. [...] Todo “assim foi” é um fragmento, um enigma, uma chance de medo - até que a vontade criadora diga: “Assim o quis!” [...] Até que a vontade criadora diga para ele: Mas “assim eu o quis! Então, assim eu o quero!”(Ibidem, p. 141)

Nas falas de Nietzsche, tudo se conecta e se liga, como na teia de Indra:

A ideia central do pensamento cosmológico e metafísico budista é que todos os fenômenos estão intimamente conectados. Essa ideia é expressa através da imagem da interconexão do universo tal como expresso na teia da divindade védica Indra, que estaria pendurada sobre seu palácio no monte Meru, o *axis mundi*, centro do mundo da cosmologia e mitologia védicas. A Rede de Indra teria uma jóia multifacetada em cada vértice, e cada jóia estaria refletida em todas as outras jóias.<sup>24</sup>

Considerando as falas do filósofo, e a importância de conhecer nossa história para transformar nosso futuro, surgem em mim as perguntas: Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Onde começou a dar “errado”? Os homens oprimem as mulheres primeiro? Ou os adultos oprimem as crianças? Seria essa uma questão relevante para entender como se dá o processo histórico de constituição das relações

<sup>23</sup> CHOPRA, 2010, p. 55-57

<sup>24</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Teia\\_de\\_Indra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teia_de_Indra)>. Acesso em 28 jun 2022.

entre mães e filhos? Não pretendo aprofundar a pesquisa nesse aspecto, mas lanço esse questionamento sobre esse *loop* eterno de abusos e violências, que *parece* eterno. “Profundamente marcados pela vida do lar paterno, abordam os próprios filhos através de complexos e frustrações, e essa cadeia de miséria se perpetuará indefinidamente” (BEAUVOIR, 2016, p. 326-327). Perpetuar-se-á indefinidamente?

Na nossa cultura, muitos homens não lembram dos desamores da infância. Estudos mostram que *machos e fêmeas*<sup>25</sup> que são contínua e violentamente humilhados e abusados, sem nenhuma intervenção, são propensos a serem disfuncionais e estarão predispostos a abusar de outros de forma violenta. (HOOKS, 2010, p. 23-24)

É pensando nessa complexa teia, onde todos influenciam e são influenciados, que me propus cartografar um pequeno pedaço das modulações propostas às parentalidades contemporâneas neste capítulo, as quais trazem apontamentos de formas de relação entre pais e filhos que caminham contra a corrente. Buscam dialogar com as crianças como seres humanos completos, algumas delas abrindo mão das violências físicas e psicológicas, em prol de uma sociedade formada por seres humanos mais felizes e saudáveis. A intenção não é afirmar verdades absolutas, mas questionar as que já estão instituídas como tal apesar de serem, muitas vezes, idealizações absurdas. Trago dois exemplos dessas modulações, com os quais simpatizo: o primeiro é chamado *attachment parenting* (traduzido como “criação com apego”):

[...] uma filosofia de parentalidade cujos métodos propostos visam promover o apego entre pais e infantes não somente através de máxima empatia e capacidade de respostas por parte dos pais, mas também, pela contínua proximidade corporal e pelo toque. O termo foi cunhado pelo pediatra estadunidense William Sears. Não há pesquisas que comprovem que este método seja superior ao método convencional de parentalidade.<sup>26</sup>

Como seria (será?) possível sensibilizar a sociedade a aceitar o convite para desapegar-se das violências imediatistas, que resolvem os sintomas através de atalhos obscuros, e da reprodução do ciclo de opressões e desigualdades, de desamor? Como romper com esses atalhos que, supostamente, funcionam? Como

<sup>25</sup> mulheres e homens, alteração e itálico meus, porque quero dar visibilidade ao fato da existência de mulheres e homens transexuais.

<sup>26</sup> **Attachment parenting (AP)** is a parenting philosophy that proposes methods aiming to promote the attachment of parent and infant not only by maximal parental empathy and responsiveness but also by continuous bodily closeness and touch. The term *attachment parenting* was coined by the American pediatrician William Sears. There is no conclusive body of research that shows Sears' approach to be superior to "mainstream parenting". tradução livre. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Attachment\\_parenting](https://en.wikipedia.org/wiki/Attachment_parenting)>. Acesso em 18 jun 2022. Tradução livre

enxergar através do amor sentido no espírito, através das intenções mais generosas dos pais e cuidadores, os atos errôneos cometidos, a obsessão pelo controle do futuro, por consertar as próprias falhas do passado? Como admitir as projeções, as agressões, os silenciamentos? Um caminho possível é *dispor-se a*: meu companheiro narrava seu pedido à mãe, que busca uma reconciliação do filho com seu pai: “não estou pedindo muito, apenas que ele esteja *disposto* à honestidade, ao perdão, ao amor”.

É difícil admitir que nossas técnicas milenares de formar seres humanos não deram certo. É doloroso olhar para a sociedade e entender o óbvio: todos os elementos constituintes, homens e mulheres, são filhos de uma mãe. Foram guiados por adultos, também filhos de uma mãe. Os políticos corruptos, os assassinos e estupradores. Os mentirosos e golpistas. Todos já foram crianças com potenciais infinitos para o bem e para o mal. Com necessidades genuínas de se sentirem amados e de serem ensinados a amar.

O problema com esta modulação proposta é que não é simples para todos. É uma excelente teoria, com a melhor das intenções. Porém, para cuidar com proximidade corporal, respeito, empatia e toque, acredita-se (eu acredito), muitas vezes, que é preciso ter dinheiro. Sim, o capital do capitalismo. O próprio site oficial já é em inglês e ler em inglês não é estimulado nas escolas, pelo menos não na maioria das escolas públicas, com eficiência. A educação custa dinheiro, e custa caro, e mesmo quando bem paga, é muitas vezes precária e alienante. Então, apesar de suas boas intenções, colocar essa forma de criar os filhos em um pedestal, pode ser um gatilho para a ansiedade e a culpa das mães.

Nesse sentido, lembro de ter visto Gisele Bündchen em um documentário (aqui pense em capital de tempo) falando sobre como procura exercer a maternidade:

O que eu quero para os meus filhos, eu quero enxergar eles, eu quero que eles saibam que eles tem uma voz e que eu estou enxergando eles, que eu estou escutando o que eles estão falando. Que eles não vão ficar lá, gritando, fazendo alguma coisa e eu vou ignorar. Não é: “ah, fica quieto!” Não é assim. É ok, eu vou no chão, vou no meu joelho, no nível deles, olho no olho. Eu acho que o meu dever é criar um ambiente seguro, com amor, onde eles possam florescer pra ser a luz que eles são, entendeu?<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> 51min26s a 51min53s' **O Começo da Vida**. 2016. Direção: Estela Renner. 96 min. Disponível na Netflix

A uma mãe que também precisa trabalhar de seis a oito horas diárias, gerenciar uma casa e às vezes, ainda dedicar-se a estudar, porque o capitalismo nos diz (e alguns feminismos endossam, sejamos honestas) que temos de ser o mais produtivas e capacitadas possíveis; a esta mãe talvez falte tempo e energia para estabelecer esse tipo de relação com as crias, que "[...] representam a obrigação de formar seres felizes" (BEAUVOIR, 2016, p. 326)

E a intenção em seu coração provavelmente é esta. Provavelmente acredita também que é seu dever como mãe promover este ambiente seguro e criar filhos felizes. Porém aprendeu com sua mãe que para assegurar e proteger, é preciso vestir bem, morar bem e *controlar* bem seus filhos.

Um caminho alternativo a isto, como já disse, é a disposição. A vontade. A subversão do que está posto, a rebeldia. A humildade de coexistir, de aprender e de imergir na relação. *Devir* com o outro. Em adultos com suas identidades formadas (e ressentidas?), que possibilidades facilitadoras se escondem virtualmente e esperam serem materializadas em suas mentes, para que sejam capazes de descerem de seus postos de superioridade, de autoritarismo, e passem a ter uma relação verdadeira, *com* amor e respeito? Talvez o (poli)diálogo?

A noção de que dialogar não é um processo com objetivo final pré-estabelecido. Não raramente, a finalidade do diálogo é interpretada como um tipo de resultado dialético que supera as partes anteriores. O polidiálogo é o reconhecimento de que existem pontos de vista que são incompatíveis. Porém, precisamos enfrentar justamente esses pontos sem buscar consenso ou um equilíbrio final. Em termos ramoseanos, o que caracteriza o ser – entendido como a natureza de tudo que existe, incluindo humanos – é a instabilidade. (NOGUERA, 2018, p.630)

Quero reiterar que a intenção da pesquisa não é esgotar o assunto, mas trazer mais questionamentos, descobrir mais perguntas, explorar essa criança curiosa que fui, que sou e que pretendo continuar sendo, e talvez acordar as crianças curiosas das leitoras e leitores que, porventura, as puseram a dormir (ou as tiveram postas a dormir por outrem). Dito isto, arrisco uma afirmação, de que para a não violência habitar nossos lares, nossos corpos, precisamos querer nos rebelar. Nos dispor a romper o ciclo.

Para exemplificar essa disposição em subverter, trago (de tragar, de trazer, de beber), do mesmo documentário de que trouxe a fala de Gisele Bünchen, a

coragem de uma mãe negra, em uma situação socioeconômica vulnerável, que decide oferecer o melhor bem que pode dar a seu rebento: a presença<sup>28</sup>:

Eu tava na creche, fazendo limpeza direitinho, só que tava faltando muito porque não tava conseguindo alguém pra ficar com ele. Eu não vou deixar meu filho na mão de qualquer pessoa, né? Então, entre optar, deixar meu filho na mão de qualquer pessoa e trabalhar, eu preferi ficar com ele.<sup>29</sup>

O que Gisele quer é o que muitos - senão a maioria - dos pais querem. Porém, a realidade dessa super modelo loira (“branca”) e bem-sucedida é absurdamente rara. Trabalhar um pouco mais, para ter um pouco a mais de dinheiro, para comprar materiais que substituam os afetos de pais sem tempo, pois precisam continuar trabalhando mais, para sustentar os custos contínuos e crescentes: plataformas de streaming, aparelhos eletrônicos, doces e salgadinhos, brinquedos e roupas caras da marca do desenho favorito, etc (atitudes extremamente convenientes à manutenção do sistema capitalista).

Não temos a intenção de ensinar violência a nossos filhos. De forma geral, a sociedade como um todo, considera a perpetuação da violência como prejudicial, como algo a ser combatido. Muitas vezes com violência. Vivemos essa contradição cotidianamente, e isso nos constitui enquanto mulheres e mães. Para que essa sensibilização se transforme em movimentos efetivos, é fundamental considerar os contextos.

E isto me leva ao próximo parágrafo, que é uma pausa:

Quero chamar a atenção para um fato absurdo: já passei em minhas redes sociais por mais de uma dessas aulas online, jornadas e cursos sobre parentalidade e até mesmo perfis inteiros de profissionais, que se dedicam a ensinar a criar filhos mais “produtivos” e “comportados”. E a parte que para mim é mais triste: muitas vezes são psicólogos, psiquiatras e pediatras que trazem essas propostas. Poderiam chamar de “Como treinar seu rebento” ou “Adestramento de filhotes humanos”, que para mim não faria nenhuma diferença. Mas para seu público-alvo faz, porque o que este público precisa é de resultados imediatistas e eficazes, que lhes permitam, numa rotina de trabalho apertada, garantir o sustento da família com o

---

<sup>28</sup> 16min 09s a 18min 35s

<sup>29</sup> 18min 24s a 18min 35s Fala da mãe lá do documentário da netflix, que decidiu criar seu filho com poucos recursos materiais, mas com muita presença, amor e respeito. Que decidiu cuidar com as próprias mãos, apesar de toda a comoção em torno do dinheiro. Que encontrou um caminho do meio. Que escolheu onde a falta seria menos prejudicial. Que decidiu estabelecer conexão.

máximo possível de “organização”, onde infelizmente a realidade é que não cabe o caos que são os descobrimentos e explorações de viajantes curiosos e cheios de energia. Nesse sentido, posso citar o personagem interpretado por Childish Gambino<sup>30</sup>:

Minha filha precisava daquela grana, ok? Não em Setembro, mas hoje. Ok? Veja bem, Darius. Eu sou pobre, Darius, e gente pobre não tem tempo para investimentos porque está muito ocupada tentando não ser pobre. Eu preciso comer hoje, não em setembro.<sup>31</sup>

Agora, sim, passemos aos veios da segunda modelagem, nomeada *gentle parenting*<sup>32</sup>, que tem mais a ver com permitir que a criança experimente o mundo através das próprias escolhas, mesmo quando o sentimento dos pais é fortemente controverso a essa permissão.

[...] é uma abordagem da parentalidade que encoraja uma parceria entre você e sua cria para fazer escolhas baseadas nos impulsos interiores em vez de em pressões externas. Este estilo pede que você se conscientize de que exemplos de comportamentos está dando, encoraja a compaixão, o acolhimento das emoções e a aceitação da criança como um ser completo e capaz<sup>33</sup>.

Confesso que não sei quase nada sobre esse método além disso. E que simpatizo com ele porque *me* parece fácil. Mais fácil do que o peso de ter que proteger a criança dela mesma. Permitir que ela aprenda com as consequências das próprias escolhas, mesmo que dolorosas, para mim é mais possível, acredito ser mais eficaz, e agora inventaram um nome pra isso. Me alivia a culpa, eu continuo acolhendo a Filha quando as escolhas acabam tendo consequências desagradáveis (um eufemismo muitas vezes, risos), e tenho uma referência teórica para meus eventuais críticos.

<sup>30</sup> nome artístico de Donald Glover, ator, roteirista, humorista, músico e rapper americano.

<sup>31</sup> 20min 26s a 20min 43s' My daughter needed that money, okay? Not in September, but today. Okay? See, I'm poor, Darius, and poor people don't have time for investments because poor people are too busy trying not to be poor. I need to eat today, not in September. **ATLANTA**, 2016. Season 1, Ep 4. Disponível na Netflix. *Tradução livre*.

<sup>32</sup> Sarah Ockwell-Smith, especialista em parentalidade e autora do livro **The Gentle Parenting Book**, resume *gentle parenting* em três palavras: *empatia, compreensão e respeito*. (*Tradução livre*) Disponível em: <<https://www.guidemontessori.com/blog/beginners-guide-gentle-parenting>>. Acesso em 18 jun 2022.

<sup>33</sup> [...] is a parenting approach that encourages a partnership between you and your child to make choices based on an internal willingness instead of external pressures. This parenting style asks you to become aware of the behavior you model for your child, encourages compassion, welcomes emotions and accepts the child as a whole, capable being. (*tradução livre*). Disponível em: <<https://www.guidemontessori.com/blog/beginners-guide-gentle-parenting>>. Acesso em 18 jun 2022.

Nesse momento recebi uma sugestão da orientadora para convidar Suely Rolnik a contribuir com o debate. Eu, leiga que sou em *rolnikês*, fico preocupada. Porque a riqueza trazida por suas falas, talvez não coubesse em uma pesquisa tão miúda. Que surpresa boa a minha ao encontrar, logo no prefácio de seu livro “Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo”, em sua segunda reimpressão, o que procurava. Suely conversa com os acompanhantes que traz - a saber, Guattari, que conversa com Deleuze, que bebeu em Nietzsche; conversa com uma simplicidade e uma potência, trazendo constatações a respeito dos desejos e de como são políticos os sentimentos. Fala sobre a necessidade de superar estas lógicas de controle, em que facilmente se prendem e se *enosam* estas modulações prontas. Exorta a superar, transcender, subjetivar. Convida a se jogar no jogo da vida, e como forma de saciar a sede desta pesquisa, é com muita satisfação que trago as afirmações desta mestre da cartografia. Com a palavra, Suely Rolnik e suas considerações acerca da:

[...] micropolítica, ou seja, das questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva. (2011, p. 11)

Tudo se atravessa e se desvia e se devaneia e tudo é. E nada é. Portanto, que eu jamais esqueça que sou filha. Fui filha. Não sou mais só filha. Agora mais do que nunca, como Mãe, acredito que preciso (re)aprender a pensar, questionar e duvidar. O quanto da minha mãe tem no meu mundo? O quanto da micropolítica tem na macropolítica? Qual o impacto dos processos de subjetivação humana (nos quais acredito ser imprescindível considerar a gigantesca gama de influência bebida pelas crianças - pequenas, por gosto ou forçosamente, das águas dos adultos - pequenos) na constituição social, econômica, política e ecológica do planeta? Mais uma vez, encontro em Suely Rolnik, sobre sua reticência em republicar o livro, forte identificação:

Este tipo de indagação se impôs a mim desde sempre, pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existência da dimensão micropolítica, bem como sua articulação com a macropolítica, nos embates entre as forças que permeiam a produção da realidade, uma dificuldade que marca o modo de subjetivação, que herdamos da modernidade, portadora da tradição utópica que tantos estragos já causou. (Ibidem, p. 11)

Precisamos aprender a falar a verdade, apesar do forte desejo em recalá-la, e a partir do *desenosamento* dos “pecados”, talvez percebamos, em tempo, que:

[...] a sombra não é nenhum bicho-papão. Qualquer coisa que o mantenha inconsciente é resultado da sombra, porque ela é o esconderijo da dor e do estresse. Explosões de violência em massa ocorrem quando o estresse social não pode mais ser contido. A violência doméstica ocorre quando o estresse pessoal não pode mais ser contido (CHOPRA, 2010, p.49)

Fica nítido o que Laura Gutman (2017, p. 21-22) afirma sobre a criança pequena refletir com maestria e sem muita opção de escolha a sombra da mãe. Marina Marcondes também fala sobre esse processo mimético, que é a relação entre a criança pequena e o mundo dos adultos.

[...] crianças aprendem mergulhadas em uma dada cultura e em modos “quase dramáticos” de imitação; há, de início, uma maneira de ser polimorfa que inunda o corpo, o pensamento, a expressividade, as relações com o mundo e com o outro: tudo acontecendo de modo dinâmico, em situação. (MACHADO, 2010a, p. 125)

E aqui, para insistir na importância de (re) conhecer o “estado da arte” da maternidade, gostaria de citar Chopra mais uma vez: “O preço de se manter inconsciente é muito alto” (2010, p.49). Relembrar a (própria) história, com honestidade e acolhimento, faz-se urgente e necessário para a construção de uma sociedade mais justa e amorosa, e menos violenta e opressiva.

Só poderemos nos educar para vivências notáveis quando formos capazes de lembrarmos da nossa infância. Tal como nos diz o poeta brasileiro Vicente Franz Cecim nascido e criado na floresta amazônica do Estado Pará, “a infância é o que existe de mais antigo em todos nós” (NOGUERA, 2018, p. 642)

Em meio a tantas receitas, tantos pitacos e tantas verdades, nos perdemos em pensamentos colonizantes e colonizados, e esquecemos de sair da bolha ocidental europeizada; portanto, para ajudar a pensar a infância sob uma outra perspectiva, olhando nossa história (Brasil e América Latina) sob o viés dos donos da terra e daqueles que pelos colonizadores foram, em muitas instâncias escravizados e dizimados, forçadamente removidos de seus lares, e têm sua história constantemente ameaçada de extinção, convido Renato Noguera a contribuir com seus conceitos afroperspectivistas de *infancialização* do mundo:

A infancialização parte do pressuposto afroperspectivista, a saber: a infância enquanto conceito filosófico é disruptiva. Infancializar é uma maneira de perceber na infância as condições de possibilidade de invenção de novos modos de vida. As questões gerais são: dentro do repertório

afroperspectivista, quais as relações entre educação e infância? Que éticas educam a favor da infância? Enfrentaremos essas perguntas a partir de modelos filosóficos africanos e indígenas. Com um desafio básico em todo horizonte deste ensaio, a escola deve amadurecer estudantes, desenvolvê-los? Ou, seria o caso dela fazer do estudo um exercício de resistir ao esquecimento da infância? (Ibidem, p. 627)

De acordo com esse pensamento, poderíamos afirmar que as respostas para a não violência e para o futuro estão nas crianças? Assim, pura e cruamente, em nossos *devires* com elas, e não em nossa suposta maturidade, em nossos enfadonhos ensinamentos. Saindo da lógica da polarização, vemos aqui uma proposta muito mais horizontal e planetária, sugerindo o devir com a criança, o resgate da nossa própria criança, que fomos, para acessar as esperanças, curiosidades e modos de sentir e estar no mundo, próprios da infância. Outro pensamento do autor que estarei imprimindo novamente nestes escritos, é sobre o ato amoroso de dialogar, não ser considerado mais "[...] um processo com objetivo final pré-estabelecido [...]", já que estamos assumindo aqui que "[...] a natureza de tudo que existe, incluindo humanos – é a instabilidade". (Ibidem, p.630)

“Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”:

Em **Filosofia Africana: ontem e hoje** (1998), o filósofo Joseph Omeregbe afirma que uma maneira de fazer leituras filosóficas africanas é mergulhar em provérbios e aforismos tradicionais. Os provérbios: “umuntu ngumuntu ngabantu” e “umntu ngumntu ngabantu” são máximas ético-políticas nos idiomas isizulu e isixhosa dos povos Zulu e Xhosa (RAMOSE, 1999). A partir de diversos estudos (RAMOSE, 1999; GADE, 2011), reitera-se que uma tradução razoável dos dois provérbios é: “uma pessoa é pessoa através de outras pessoas”. (Ibidem, p. 629-630)

Nesse sentido, o primeiro outro, que uma pessoa conhece, é o seu cuidador, ou cuidadores, quando criança. São seus primeiros influenciadores, e os principais durante bastante tempo. Se a base for “mal feita”, é preciso ruir toda a estrutura e ir construindo, do zero, todas as crenças sobre tudo. É sobre isso: duvidar de tudo, questionar tudo, o tempo todo, desconfiar até mesmo das próprias perguntas. É isso mesmo que quero saber, ou estou perguntando o que acho que *devo* saber, para ser relevante na sociedade? Por quê? O momento pede (e permite, será?) que outras possibilidades sejam inventadas, ao menos na imaginação, numa tentativa de sabotar esse sistema desonesto e injusto. E que melhores mestres em imaginar mundos temos que as crianças?

Sobre outra forma de ver a infância, em comparação com a forma convencional, desde a dialética, desde as origens etimológicas da palavra:

[...] um tipo de aglutinação entre “ubuntu” e a palavra “twana”. Essa articulação *ubuntu + twana* é bem distinta do sentido ocidental baseado na língua latina, *infanti*. Neste último caso, “in” é um prefixo de negação e “fanti” nos remete ao verbo falar e à variante falante. Ora infância significa nesse contexto “ausência de fala”. Mas, em xhosa “twana” remete para uma relação de afeto, paixão, uma inclinação enamorada e de onde o sentido de infância em xhosa remeteria para afeto enamorado pela humanidade, o que difere de amor incondicional e irrestrito. (Ibidem, p. 631)

A partir destes devires todos, proponho que busquemos modos, não só de pesquisar, mas principalmente, de viver. Não são receitas prontas. São sugestões de formas de pensar e olhar a infância, que intencionam e propõem uma jornada diferente pelos mesmos caminhos, habitando novos espaços, novos pontos de vista. Que propõem que os adultos respeitem as crianças. As crianças exteriores, mas também e principalmente as interiores. Que olhem atentamente, que as conheçam, que as amem, não "como Jesus amou a igreja"<sup>34</sup>, se sacrificando e se anulando, mas como Bell Hooks descreve o amor, sendo e estando completa e honestamente diante de si e do mundo. Como o fazem as crianças pequenas<sup>35</sup>.

Numa interpretação afroperspectivista das considerações de Ramose e Scaraffiotti, encontramos a possibilidade de estipular infância como conceito que remete a um estado, ou ainda, uma forma de vida que torna possível assumir a instabilidade da vida radicalmente. De acordo com Ramose e Scaraffiotti, a instabilidade é inerente à existência. Porém, Ramose ressalta que a filosofia ubuntu “define a comunidade como uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (‘ancestrais’) e a dos ainda não nascidos” (2010 a, n.p.). Nesse sentido, a infância (ubuntwana) pode ser interpretada como um elo de ligação entre a ancestralidade, futuridade e viventes. Por ser justamente a presença do passado e do futuro na emergência do presente. Em outras palavras, ubuntwana é a afirmação que, para além dos cinco sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição), existe outro (sentido) que chamamos de infância. Um sentido que estaria mais aguçado nas crianças, mas que não é perdido pelos adultos. Infancializar é ativar a infância em adultos, tornando viável a percepção de que as ações éticas e políticas precisam levar em conta quem já esteve aqui (ancestralidade) e quem estará (futuridade), além das pessoas que estão vivas na atualidade. Ubuntwana é assumir a infância como um sentido que propicia que encaremos a realidade como um território de contínua produção, instável e passível de reformulações e ressignificações. (Ibidem, p. 631-632)

Mais uma vez a instabilidade, o movimento da vida, o pulsar, é trazido por Nogueira, como um convite: a abrir mão do controle obsessivo disfarçado de amor e proteção, que faz esforços infrutíferos para ocultar a sombra. Um convite para desistir de ressentir-se de seu passado *perdido*, reencontrar a própria infância como uma

<sup>34</sup> Carta de Paulo aos Efésios, Capítulo 5, versículo 22. A Bíblia Sagrada.

<sup>35</sup> Merleau-Ponty também sublinha três modos de ser e de estar que definem a “criança pequena” (modo como nomeia a criança de zero a seis anos) [...]. (MACHADO, 2010a, p.119)

vivência ainda possível - e que sempre o será, pois nunca é tarde para ser criança; uma convocação a *infanciarizar* o mundo, transformando a vontade de mudar o passado em potência criativa para inventar o presente e o futuro, para viver a vida, como as crianças, preocupando-se unicamente em satisfazer a própria fome<sup>36</sup>. Do corpo e da alma.

[...] uma composição intercultural em que propomos um polidiálogo polirracional feito sempre em contexto cosmopolítico, o que será condição de possibilidade, nunca a garantia, de uma ética pluriversal. O que só seria possível, eis nossa hipótese neste campo: a partir da infanciarização coletiva e irrestrita de todos os seres de uma sociedade. Apenas pessoas infanciarizadas podem realizar essa tarefa ética. A objeção que aqui fazemos a maioria dos sistemas éticos é bem simples, pressupõem que a ética seja feita para adultos responsáveis. Os utilitaristas, assim como os herdeiros do sistema ético kantiano, pensam em pessoas adultas quando fazem suas formulações morais. Ibidem, 2018, p. 637)

Novamente, a energia propulsora para transformar radicalmente esse modo de perceber e sentir o planeta, ampliar as forma de comunicação entre todos os seres vivos sencientes ou não, e o resgate dessa conexão à natureza, residem - ainda que em alguns virtualmente apenas, e como diz Bell Hooks, possivelmente jamais serão vistas na esfera da realidade como a conhecemos - nas crianças. Cabe a nós resgatar nossas crianças, e (não deixar se perder) as dos pequenos. E novamente, as crianças me parecem, de todas as minorias da espécie humana, as que menos tem direito à voz, se é que tem algum direito. E onde falam, raramente são ouvidas de forma atenta e sensível, e têm suas proposições consideradas com respeito e seriedade, como cidadãos desse planeta que são. E em concordância com o apontamento feito por Bell Hooks quando fez a comparação entre a violência doméstica sofrida pelas mulheres, e aquela sofrida pelas crianças, podemos ressoar, com Noguera, que “[...] um dos maiores defeitos da democracia é de que as crianças são pessoas sem direitos políticos de formular leis e participar efetivamente”. (Ibidem, p. 638)

Acredito ser este um caminho para responder sobre a contribuição de culturas que são nossas, mas também são "outras", vistas de uma perspectiva eurocêntrica e colonialista; destas culturas, das quais todos ditos brasileiros somos filhos, é isso: olhar a todos os seres vivos com respeito e cuidado.

O indígena Aymará Simón Yampara (2010) dá uma bela contribuição para a discussão. Yampara critica o monopensamento ocidental, propondo uma

---

<sup>36</sup> A narrativa de Exu ensina que a infância é mundofílica, parafraseando o filósofo alemão Martin Heidegger (2011) que criticava gente “pobre de mundo”. (NOGUERA, p. 639)

cosmogonia ecobiótica que está na estrutura do pensamento Suma Qamaña, correlato Aymará do teko porã Guarani. Em que consiste essa cosmogonia ecobiótica? Trata-se de uma filosofia em que a cosmologia, ecologia e a análise do lugar dos seres vivos mantêm-se num mesmo plano. O cosmos, o meio ambiente e os seres vivos são interdependentes. Neste sentido, Teko porã rivaliza com a noção ocidental de que a espécie humana é a mais preparada para conhecer e dominar a “natureza”. A cosmogonia ecobiótica está a nos dizer que natureza não é um “outro” à disposição do ser humano para ter seus recursos naturais explorados em função de seres “naturalmente superiores”. Em outros termos, universo, sistema ecológico não são coisas; mas, seres vivos. Teko porã é um sistema filosófico que ensina: nunca trate seres vivos como se fossem coisas. (Ibidem, p. 633)

Inclusive as crianças. Principalmente as nossas crianças. Porque assim, e só assim, elas se tornarão adultos capazes de se amar e se respeitar, e ver-se como parte (importante sim, mas parte) de um todo vivo, de um planeta e de um universo vivos. Na proposta de *infância*, Renato Nogueira aponta que

[...] mitã e kyringue, no contexto da filosofia teko porã, nos convidam a compreender a infância e, ao mesmo tempo, as crianças como inventoras de novos mundos. Principalmente, porque a infância é a retomada da importância de tomar a natureza como um sujeito ético. (Ibidem, p. 635)

Aqui o que penso é a falta de uma escuta política e atenta das crianças. Porque elas têm tanto a ensinar, com sua sensibilidade, seus "sacos vazios" e sua curiosidade sobre si e os outros. Que não são tão outros assim. Essa proposta de que se faça política sobre as crianças *com* as crianças, é pontuada por Gabri, no vídeo do evento do Sesc "criança e a natureza"<sup>37</sup>. Nesse sentido é, novamente, o medo de perder a corrida capitalista que nos reprime as infâncias. Porque sabemos que elas sabem mais, e podem ser muito melhores. É a teoria da evolução, de nosso ancestral Darwin, materializando-se diante de nós. E nós, como bons cristãos europeus, tentando freá-la (com grande percentual de sucesso até agora) em defesa do "maravilhoso" *status quo*.

Daí, a infância impor o Nhanderekó que se torna base das relações éticas: a percepção de que não existe diferença no contexto moderno ocidental, a criança, assim como a infância, foi designada como sinônimo de irracional, imatura, incompetente, imoral, improdutiva etc. Esses adjetivos, etimologicamente formados pelo prefixo da negação, nomeiam essa categoria social: infância = aquela pessoa que ainda não fala. Duas palavras guaranis circunscrevem “criança”, “crianças” e “infância”: mitã (crianças pequenas até aproximadamente dois ou três anos) e kyringue – crianças até 12 ou 13 anos, porque meninos deixam de ser crianças quando engrossam a voz e as meninas quando menstruam (BENITES, 2018, p. 108). De qualquer modo, a Infância aqui não tem o mesmo sentido dado à categoria no contexto ocidental. A relação entre pessoas adultas e crianças difere bastante. A base

<sup>37</sup> **Abertura: Festival Criança e Natureza 2021.** Segunda parte da fala da Gaby Amarantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X7XZDJ8Cstc>>. Acesso em 1 jul 2022.

cultural Guarani não trata as crianças como seres que precisam ser tutelados constantemente. (Ibidem, 2018, p. 634)

Reitero que não existem receitas prontas, mapas já traçados com um caminho idêntico que se aplique de forma homogênea a todas as relações entre mãe e filhas. Porém, um caminho riquíssimo a ser percorrido é conhecer, em culturas dos seus, formas mais respeitadas de se relacionar efetivamente com as infâncias.

Meu deus sou eu somos nós, somos as árvores, o jardineiro o regador. também não somos nada disso porque somos tudo isso. Tão simples e complexos, tão especiais e tão comuns. Tão diferentes e tão o mesmo. Tão além do bem e do mal. Tão entre. Tantos devires. Bem que nem deus no mundo mesmo, se olhado de forma mais gentil e menos obediente. Subverter o conceito de deus a que estamos, estou, submetidos, inseridos, conectados. Mais que profano, necessário. Subverter, talvez, todos os conceitos prontos, ressignificar e dar novos sentidos às relações, propor-se a construir juntos, a inventar mundos e a permitir o vôo daqueles que o fazem naturalmente - a saber, as crianças. Tanto as crianças pequenas, como as crianças que habitam os adultos. Segundo Suely (ainda sobre republicar seu livro, mas tomo emprestada a fala na tentativa de fazer vibrar a teia<sup>38</sup>), este

[...] empreendimento tornava-se indispensável pelo desejo de superar os resquícios dessa herança que ainda hoje nos estrutura e que nos faz alucinar paraísos e perder o pé nos processos reais. Superar, mais especificamente, uma característica própria deste modo de subjetivação, que consiste no constrangimento de nossa vulnerabilidade às forças do mundo em sua irreduzível alteridade, condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência. (ROLNIK, 2011, p. 11-12)

Temos tantos deuses quantos seres vivos na terra. E as crianças são as únicas que sabem disso. Aí nós tiramos a *onipotência* delas quando as invejamos e projetamos com raiva toda essa “potência” de um deus rígido, moralista, punitivo, reprimente. Quando isso começou eu não sei, mas já dizia nosso excelentíssimo

---

<sup>38</sup> **Episódio Suely Rolnik** (considerações sobre as aranhas e suas teias). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0SDyv71kc>>. Acesso em 01 jul 2022.

presidente<sup>39</sup> (leia-se com ironia): "tem que acabar" deus, a família patriarcal, "o silêncio dos inocentes"<sup>40</sup>. Nesse sentido

[...] o que você faz com cada momento, como você explora os talentos e as oportunidades à sua disposição são coisas muito mais importantes para um ateu genuíno do que para os devotos mais religiosos. (ADAMS, 2010, p.7)<sup>41</sup>

Necessitamos fazer o resgate das divindades que nos habitam, curar os passados eus, para experimentar os futuros nós. “Essa vulnerabilidade ao outro depende, para sua sustentação, de uma potência específica do sensível, cujo exercício encontra-se recalcado na mencionada política de subjetivação [...]”. (ROLNIK, 2011, p. 12) .

---

<sup>39</sup> Na época em que o trabalho foi escrito, o presidente da República Federativa do Brasil era Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), sendo que no momento da defesa, já temos um novo presidente eleito, que ainda não tomou posse, Luiz Inácio Lula da Silva.

<sup>40</sup> **O Silêncio dos Inocentes**. Thriller/Terror. 1991. Dirigido por Jonathan Demme. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Silêncio\\_dos\\_Inocentes](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Silêncio_dos_Inocentes)>. Acesso em 01 jul 2022. Disponível na Amazon Prime Video.

<sup>41</sup> GREIVE. Bradley Trevor. **Prefácio**. p.5-11. ADAMS, Douglas. **O Mochileiro das Galáxias: Não entre em pânico**. Volume Um da Trilogia de Cinco. Ed, Popular. São Paulo: Arqueiro, 2010

## Capítulo 2

### as relações *entre* mães e filhas pelas janelas sociais e subjetivas: encontrando caminhos para outras possibilidades

#### diários *mãetinais* aleatórios:

*imersões e pausas. pausa. entre uma imersão e outra. morte como transformação; crise, fim e começo. uma imersão de cada vez. uma morte de cada vez, mesmo que “ao mesmo tempo”.*

Viagem *por dentro* de mim<sup>42</sup>. Falei alguma coisa nesse sentido no início do trabalho, no primeiro ensaio de escrita. Lembro de ter dito que seria uma das viagens mais arriscadas, mas que iria com medo mesmo, pois não estava sozinha. Já chamei de viagem, já chamei de roda de conversa. A orientadora chamou de narrativas. “Narrativas, não apenas contemporâneas, mas que têm estado presentes em todos os tempos humanos, em toda sua diversidade, em todas as dimensões, em diferentes contextos” (GALHEIGO, 2009, p. 10). Viagem *por dentro* de mim. De nós. De muitos nós. De *todas* nós?

Julia Cameron (2017) talvez chamaria de diários *mãetinais* aleatórios, numa brincadeira artística referenciada a suas “páginas matinais”, que devem ser escritas todos os dias, logo depois de acordar, e vão formando o diário do artista. Os meus diários, na condição de escritos por uma Mãe, podem ser escritos a qualquer hora do dia ou da noite que seja possível para a Mãe e para a Filha. Podem não ser escritos todos os dias. Ou não. São aleatórios, irreverentes e subversivos. Subvertem o próprio conceito de diários matinais, sobre os quais Julia escreve regras determinantes para que *funcionem* a seu propósito (desbloquear o artista interior). Como aqui não há um propósito rígido, mas caminhos possíveis, e passíveis de redirecionamento, de deslocamento, narro livremente minha relação com a Filha.

Narro em uma roda de viajantes na volta da fogueira deste acampamento, sendo uma narrativa declamada, cantada e, principalmente, conversada. Nesta parte, em que predominaram os diários mais subjetivos, subjetivo este que se constrói, se produz e se atualiza no/pelo/com o coletivo, gostaria de fazer um *monólogo de*

---

<sup>42</sup> referência brincante/experimental à Viagem ao centro da Terra, de Júlio Verne, 1964.

*muitas/os. Quis chamar de monólogo porque digitando com os dedos no teclado só tem eu. E é de muitas/os, porque certos pensamentos que narro - os leitores serão avisados no corpo do texto e/ou nas notas de rodapé - são as vozes ressoando, de alguns companheiros e companheiras<sup>43</sup> que vão se acomodando, sempre em movimento, nesta espiral maluca. Beleza?<sup>44</sup>*

### **01/05/2022 - Três mães na Padaria**

*Domingo à tarde. Chove. Não chove. Sai com a Filha e o Pai. Farmácia mal-sucedida. Padaria. Padarias. Interações amigáveis de aquecer o coração nesse frio de pandemia e irresponsabilidades. Ainda ressoa a irresponsabilidade daquela professora que foi dar aula com febre. E positivou. E a Filha sem vacina. E o Pai com asma. Mas voltando à padaria. A segunda. Tinha uma mãe. Tinha duas mães. Tinha três. Uma delas olhou a Filha, disse uns “ois”, tentou umas interações típicas de adulto-bebê. Era uma cliente, na fila atrás delas. A segunda mãe era a atendente do caixa. Aparentemente, os filhos trabalham com ela na padaria. Comentou sobre o sono da Filha: “também agora, chega em casa, toma uma mamadeira e dorme até a meia-noite”. A Mãe apenas sorri e acena em resposta, mas o Pai intervém, apontando para o peito dela, num tom feliz e orgulhoso: “tá aqui a mamadeira. E dorme a noite toda”. Mais tarde pensa como foi gostosa a sensação dessa validação. Besteiras de uma Mãe no domingo. Lembra da série WandaVision: “o diabo está nos detalhes”. A mãe-caixa se apavora e empatiza: “ah mas é difícil né? ainda mais à noite”. A Mãe confirma que a Filha dorme à noite toda, e ela estranha: “mas não acorda nem pra mamar?” “não acorda. Resmunga e eu boto no peito. Se já estou dormindo com ela, nem resmunga. Nem vejo”. Pausa. Súbito, espanta-se: “Capaz, mulher, que tu acordava todas as mamadas?” A mãe-da-filha intervém em algum momento: “ah mas é tão bom (amamentar)”. A Mãe-da-Filha sorri e acena novamente. Concorde mais com a mãe-da-filha que com a mãe-caixa. Esta compartilha um pouco da sua dor: “eu às vezes não aguentava e dizia pra ele (o filho): ‘chega, deu! não vai mais mamar, vai dormir’, mas aí ele chorava, tadinho, e eu dava de mamar de novo”. A Mãe apenas ri, com um misto de sentimentos: compaixão, empatia. porque por raros que sejam,*

<sup>43</sup> brincadeira proposital com um bordão famoso do então ex-presidente Lula, reeleito em outubro de 2022.

<sup>44</sup> SEIXAS, Raul. **Maluco Beleza**. 1977. Disponível no Spotify. Acesso em 19 nov 2022.

*também teve/tem/terá esses momentos de cansaço. De “chega!”. Também compaixão e empatia pelo bebê do passado, cuja mãe cansada naquela cena interagiu de forma negativa, e foi a causa de algum sofrimento passageiro. Já em casa, o Pai ensaia um julgamento. Ela ensaia uma argumentação. Mas estão tão exaustos que desistem. Ressentimento bate. Mas enfim, o ponto aqui é que há mães. E são mulheres. E há pais. E são homens. “Estão aprendendo”, repete a si mesma. Continua grata que a Filha nasceu fêmea. Não sabe como seria lidar com dois machos e tanto ressentimento feminista. Mal dá conta do Minduim (gato). Ontem disse que vai mandar no veterinário ver se está castrado mesmo. Mandar castrar de novo. Risos. Volta os pensamentos à mãe-caixa: suspira uma sensação de fazer parte desta comunidade de mães. Não sabia como era o pai. Se era. Se tinha. Mas imagina uma história: mãe-caixa. Esposa? Mulher. Trabalhadora. Pobre. Brasileira. Nada mais óbvio aqui que o cansaço, a exaustão. A mãe-da-fila, mais jovem, mais magra, aparentemente mais feliz e tranquila. Uma trabalhando no domingo chuvoso à tarde (até às nove da noite), a outra fazendo comprinhas para o café da tarde, provavelmente com um pai presente ou alguma outra rede de apoio, e a(s) crias. Imagina essas histórias. Tantas diferenças, tantas semelhanças, tantas similitudes. Tanto amor e desamor. Tantos devires. Três mulheres-mães. Ao Pai, pede licença, que a amamentação é assunto-fêmea. Mulheres e homens-mães. Com úberes e úteros. Faz bem sentir que ainda consegue falar, pertencer, sem tanto medo de represálias. Ser mãe é difícil, ser cria é difícil. Viver é difícil. Mas o assunto aqui é a relação entre as mães e suas crias. E isso, caros homens-pais-sem-útero, é muito maior que uma boa vontade na amamentação. É uma construção enorme, que leva uma vida inteira. Duas vidas inteiras. E os apoios ao redor. Entre eles, mães-outras, que reclamam. E que fazem sentir um respiro, criam um espaço de pertencimentos, de escutas. Também mães que se deleitam, também um espaço de ser grata. (Quem muito fala sobre esses diferentes tipos de maternagem é Simone. De Beauvoir). Recordar-se de análises e descrições soltas sobre os trajetos de várias possibilidades de maternidade e filhidade, tóxicas, saudáveis, amorosas ou disfuncionais. Mas para cuidar dos filhos e das mães, antes é preciso oferecer escuta e acolhimento, e possibilidades de escolher, (quando for possível a escolha, completamente - mas, o que é a escolha, completamente?). Até lá, sociedade de filhos adultos, lidem com suas pendengas e deixem as mães em paz.*

Como esta cartografia propõe-se a discutir, através de mim, as muitas nós, falo desde o meu lugar: mulher parda, mãe biológica, companheira de um homem cis *branco*, constituindo-se em uma relação heteronormativa, muito atravessada por diversas formas sutis de machismos e racismos. Nesse sentido, Simone de Beauvoir aponta o papel do machismo na constituição da sociedade, que ilustra em alguns modos de relação entre mães e filhos machos; e faz um alerta às distorções do conceito de honestidade desde o berço - a perigosa contradição: de um lugar, o discurso materno sobre o que é ser honesto e a exortação a falar sempre a verdade; de um novo “[...] lugar que é o mesmo lugar mas é outro lugar”<sup>45</sup>, como cantou Elisa Lucinda, as vozes chorosas e manipulações emocionais maternas, reclamando sobre alguma verdade dita que foi muito difícil de ouvir.

E nos tempos contemporâneos, como as mães estão constituindo-se na relação com os filhos *homens*, na sua formação como possíveis pais e/ou companheiros? Como estão se constituindo na relação com as filhas *fêmeas*, mulheres? Para que se tornem mães e companheiras? Que potências e que paralisações e como (se) afetam as relações entre mães e filhas, principalmente, ao colidirem esses dois humanos, *macho* e *fêmea* - *homem-pai* e *mulher-mãe*? Bell Hooks alerta sobre o perigo dos ensinamentos das *meias-verdades*; que fazem omitir ou enfeitar (ou mentir) parecer o único caminho, quando a verdade inteira ameaça ferir os egos (e traz como consequência violências inesperadas aos honestos mais ousados). A autora fala que estes ensinamentos dúbios e confusos trazem consequências nocivas para o (des) entendimento de justiça e amor, e que as mentiras (ensinadas e estimuladas por mulheres-mães) e os machismos se retroalimentam.

Proponho-me a discutir essas dores e amores de um lugar heteronormativo, porém é importante trazer à luz, no sobrevôo, que há outras inúmeras formas de relações de corpo, gênero e sexualidade. Muitas constituições outras de núcleos familiares. Todas formas (potentes) de amar. Muitas outras relações entre *mães* e *filhas*, para além do padrão normativo homem cis pai/mulher cis mãe

---

<sup>45</sup> LUCINDA, Elisa **Aviso da lua que menstrua**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3GHQqbMqXcl>>. Acesso em 19 nov 2022.

biológica/filha fêmea *mulherizada*. Que muito me interessam, mas que não foi possível aprofundar nesse pedaço de pesquisa. Somos muitas mães e muitas filhas, nos colocamos de diversos modos no mundo, nossas existências são processos únicos e coletivos, em constante movimento. Reitero que falo desde o meu lugar. Que é também de mãe-estudante universitária. Que às vezes precisa ser mãe e estudante ao mesmo tempo. Sem pausas.

#### **04/05/2022 - Duas mães na Sala de Aula**

*Primeira aula da Filha na faculdade. nervoso, ansiedade. da Mãe. curiosidade, agitação, sono, reação da vacina. Da Filha. Acolhimento, colo, sorrisos e cuidado. Das colegas e da professora. Professora-mãe-psicóloga. Balão verde de presente, Grupos para o seminário, convite rápido, nem pensou. Pensa que a Terapia Ocupacional da UFSM, para ela, tem seus privilégios. Até o tema deixaram-na escolher. Cartografias de alguma coisa, óbvio. Aquela professora inteira lhe cheira a cartógrafa. Ela gosta muito desses acasos que se convergem; a beleza das coincidências é sua religião. Conversa em pensamento com seu rebento: “Filha, é difícil, é assustador, mas é tão bonito esse nosso processo. Você me faz, muito mais que eu te faço. Como o Amendoim faz a Paçoca, mesmo que tenha sido por ela parido”. Deixa-se afetar pelos olhinhos jovens, pela coragem de experimentar, pelo jeito simples de ver a vida. Ela - a Filha - vê uma menina no corredor, comendo uma banana. Para. Caminha até à menina. Mantém uma distância segura, e quando percebe que foi notada, abre a garganta, solta o peito e faz uma gritaria: “dadadada” ao mesmo tempo que gesticula com as mãozinhas o sinal que interpretamos como “vem”. Encanta-se, fácil ver o porquê. É a Mãe, mas antes disso, muito antes, essas pequenezas da humanidade (e de outras espécies) sempre a encantaram. A Filha conquista seu pedaço de banana. Pega na mãozinha, como faz com ela em casa, descasca, parte ao meio, lhe oferece a metade. Poderia ficar emocionada, o que faz mais tarde. Na hora, se contamina do constrangimento que aprendeu. Que aprendeu. Que a Filha propõe desapegar, pois não entende a recusa e hesitação, que não é comum da relação. Insiste, enfia a banana na sua boca, esfrega em seu rosto, determinada a compartilhar. Até por segurança. como ela vai confiar em comer algo de uma estranha se a Mãe recusa? ela não entende essas besteiras de etiqueta social, que não fazem nenhum sentido.*

*A terceira parte insiste também: “pode ficar tranquila, não precisa se preocupar”. Come o pedaço de banana, por fim. Satisfeita, a Filha come o seu também. Simples assim. Pedir, conquistar, compartilhar: bananas, sorrisos, afetos. Partilham em casa, a Filha quer partilhar na rua. A Mãe contamina-se por esses modos de existir, vai deslocando, desfazendo e refazendo seu ser inteiro. A Filha ensina tanto. A Mãe é curiosa, porque ela a estimula a resgatar a fome de mundo, com aqueles olhinhos tão interessados em tanta coisa que a Mãe já não via. “O diabo está nos detalhes” (da série WandaVision, do diário das três mães na padaria).*

Detalhes micropolíticos, constituições tão únicas, e com tanto em comum ao mesmo tempo. Esta viagem me é difícil, e sem nós seria impossível. Conto, portanto, com comentários, risadas, abraços, conversas e até conselhos? de muitas/os. Para trazer um pouco de respiro, para polvilhar o mundo vivo que existe além do umbigo da gente. Vocês costumam olhar muito pro próprio umbigo? Pergunta literal. Eu olho pro meu quando vou lavá-lo, apenas. E, literalmente, é a posição em que minha visão externa fica mais limitada, quase completamente. Quero aqui ilustrar e apontar a similitude impecável na metáfora. Porque parece que quanto mais encaro meu umbigo, mais sujeira acho. Quem sabe se olhar as outras infinitas coisas que existem, paro de grudar tanto na sujeira do meu umbigo? Isso me faz pensar na série de animação<sup>46</sup>, que muito me fez refletir sobre a vida, e rir da trágica comédia que somos, e que resumiu meus risos e gargalhadas de deboche a mim mesma e a nós, dramáticos e dramáticas (in)curáveis, em uma canção:

[...] Se acha que você tem um problema e sua vida está no chão,  
 lembre que na visão geral sua vida é só um grão.  
 A folha insignificante, a uma formiga é gigante  
 Se tem perspectiva, a coisa é mais objetiva.  
 Você pensa que a Terra é um planeta bem grandão,  
 mas perto de Netuno ela não passa de um botão [...]  
 Pois acha que tem um problema por ser magro ou gordinho,  
 lembre que na visão geral sua vida é um pózinho.  
 Tem o Sol, maior que todos nós, até nos faz perder a voz.  
 Mas isso é só nesse sistema, têm maiores no esquema.  
 A Via Láctea! Galáxia! E não esqueça do Universo.  
 E isso é só o que conhecemos, são gigantes, nós pequenos.  
 Você é tão minúsculo, irrelevante então  
 Se está do lado escuro dessa rocha é só um mísero grão  
 Sua vida dura um século na Terra ou até menos

<sup>46</sup> BOQUELETE, Ben **O incrível mundo de Gumball** (2011-2019) Emissora original: Cartoon Network. Disponível na HBO Max. Acesso em 19 nov 2022.

Mas aqui 100 anos são um bipe, um flash ou um aceno!<sup>47</sup>

Minha intenção ao trazer essa cançãozinha não é diminuir as emoções da gente, mas demonstrar a perspectiva de vida e de morte, de fim e de começo, de religião e natureza, e do que existe no meio disso tudo que nós polarizamos. E fora de nós. Fora de *nossos nós*. O que existe além do umbigo pode ser aterrorizador, pode nos fazer sentir pequenos. Mas também pode nos tirar o peso de deixar marcos, de ser alguém, de se preocupar com o que mostramos à sociedade, com o que a sociedade pensa disso. Pode nos tirar os delírios de grandeza. Porque se somos parte, não precisamos fazer tudo, não é mesmo? E se não somos um planeta especial, escolhido por um deus em detrimento dos outros universos todos, podemos libertar nossa alma das culpas e obrigações religiosas e viver com autonomia, responsabilizando-nos pelas escolhas que fazemos e suas consequências, sendo protagonistas em nossas histórias. Podemos nos reinventar todos os dias, viver um dia de cada vez. Podemos aprender nas relações, podemos aprender a amar, perdoar, rir. Podemos aprender a chorar. E acolher os (nossos) choros. Podemos descartar um bom tanto de bagagem, e seguir viagem. Fica mais fácil limpar. Não uso limpar em um sentido biomédico ou higienista, mas no sentido de *visível*.

Falei, no início, da necessidade de limpar. Percebi, no processo, que é impossível *manter* tudo limpo. Literal e metaforicamente. Aprendi a questionar o que significa *limpo*. Este *sujo* é mesmo *lixo*, este *lixo* é mesmo *sujo*? Nas duas barras de chocolate fechadas encontradas no chão daquele dia difícil. Naquela meia dúzia de pés de tênis, que formavam três ou quatro pares, encontrados na lixeira, provavelmente discriminados pelas cores de seu mofo; naqueles lixos, encontrei encontros. Encontros subversivos, pequenas ameaças. Ao sistema capitalista de consumo. Encontros que encontram e fazem emergir potências do inconsciente coletivo. Que dão à luz a *sombra*.

Potências para aceitar a realidade inteira, para abrir mão da polarização, para abraçar, conhecer e acolher a *própria* sombra! Ou seja, como diz Suely, estamos inseridos nesse sistema (capitalista), mas nós mesmos, cartografando nossa história, olhando os poderes ancestrais que habitamos micropoliticamente, podemos sabotá-

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=303708930840897>>. Acesso em 11 out 2022

lo<sup>48</sup>. Renato Noguera (2018) com a autoridade de quem narra a história de Exú (p. 639), traz o discurso do próprio sistema, como quando faz uso da voz de Jesus, propondo uma nova interpretação das palavras deste: “A mensagem é bem direta, a alternativa suprema aos desafios humanos só pode ser resolvida quando todas as pessoas forem crianças” (NOGUERA, 2018, p. 640).

Em sua bagagem, traz ferramentas-palavras que *polidialogam* com Chopra, aplicando(-se) o conceito de unicidade, que parece bastante com o arquétipo da *sombra*: nós estamos *com* o sistema, constituindo este sistema, portanto, partes importantes na formação dele tal como a conhecemos, portanto, potenciais transformadores e movimentadores do mesmo. E o universo está sempre se movendo.

É sobre isso: *infanciarizar* o mundo em direção a uma sociedade mais justa e amorosa, com mais respeito e honestidade entre nós - literais e metafóricos: Renato diz que éramos bons nisso (mover-se, transformar, transcender) em algum momento da nossa história - provavelmente quando crianças. Marina Marcondes Machado complementa que sim, as pequenas, até os seis anos. E o personagem do companheiro Antoine de Saint-Exupéry, aquele que é da realeza, não tinha sete? Mas não nos percamos em nós - risos. Pois foi ele mesmo, o Pequeno Príncipe que, pelo que entendi, falou do problema de memória dos adultos: “Todas as pessoas grandes foram um dia crianças - mas poucas se lembram disso”<sup>49</sup>, e de sua dificuldade em aprender. Em enxergar, mesmo. Pode ser uma questão de perspectiva, como falo no diário

### ***Auto empatia***

*Auto empatia exercer empatia é quando a pessoa que está exercendo empatia se coloca no lugar da outra pessoa para com quem está exercendo a empatia. Ou situação Auto empatia, ela pensou, que quando está tão deslocada do próprio lugar, ou seja, não está conseguindo se ver, então não está conseguindo exercer empatia consigo mesma. Isso é muito importante: saber qual é o seu lugar, para se colocar no seu lugar, de um jeito sincero, de um jeito honesto; e daí depois de exercer a empatia de se colocar no seu lugar, aí sim, “porque nós somos as nossas próprias pessoas eu sou a minha própria pessoa”, aí sim ela consegue, a partir daí, fazer*

---

<sup>48</sup> ROLNIK, 2011

<sup>49</sup> SAINT-EXUPÉRY, *O Pequeno Príncipe*, Dedicatória a Léon Werth, quando ele era criança. 2016

*modificações enfim. E aí nesse sentido ela pensa nisso sobre o ser filha: “o que significa ser filha? e como que eu vou construir empatia com a minha Filha se eu não sei qual é o meu lugar enquanto filha? e não consigo exercer a empatia de Mãe porque eu não recebi a empatia porque minha mãe não conseguiu exercer empatia com ela mesmo?” E ela, querendo romper o ciclo, ela precisa entender onde ela está, para ir aonde está de verdade, porque ela entende que o que acontece é que ela está num lugar mas está meio que só de corpo presente Essa é sua realidade, mas ela não está vendo a realidade, ela está existindo ali de um jeito muito desonesto ainda. Ela caminha para essa honestidade Mas ainda não chegou lá.*

Como exercer empatia consigo mesma sem antes aprender a se amar? Como admitir que não conhece o amor, que lhe faltam experiências amorosas? Como aceitar e acolher a dor do desamor? Como aprender a se amar? A cuidar de si? A (se) maternar?

Se olharmos como nós, todos nós, juntos, aumentamos as chances de enxergarmos a realidade inteira. Mas se olharmos como um único nó, nossa janela da realidade é apenas um fragmento, como explica a Suely Rolnik entre um cigarro e outro, como insiste Chopra: sem a sombra, fragmentamos, falta-nos um pedaço de nós - novamente literais e metafóricos. Que podem ser vistos de forma símile, porém diversa, à teia de Indra. Que outros modos de pensar o mundo podem contribuir para criar condições em que se imaginem e se efetuem relações entre mães e filhas que compõem com outros modos de agir/amar (verbos estes que Bell Hooks diz serem atômica e inseparáveis)? Como abraçar o subversivo radical proposto por Nogueira que considera toda existência digna do mesmo respeito e usufruto que as existências humanas? Que considera as crianças como cidadãos nesse planeta, que deveriam ter o mesmo direito de participar das construções políticas que os adultos? E sobre como essa forma de formar sujeitos pode contribuir para o debate sobre as muitas formas de amor. Como podemos consumir o sistema, em vez de sermos por ele consumido? Como apropriar-se de nosso caminho, de nossos processos, alimentar-nos do que nos cerca? Desta

[...] força, assim *cafetinada*, que com uma velocidade exponencial vem transformando o planeta num gigantesco mercado e, seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos: dois pólos entre

os quais se perfilam os destinos que lhes são acenados. (ROLNIK, 2006, p. 18)<sup>50</sup>

Nesse sentido, comprar no brechó ou ganhar roupas e calçados usados - desde criança que tenho esse afeto por cheiro de gente em roupa velha, e pela receita caseira simples e barata, que aprendi da minha mãe, que aprendeu da minha avó, que aprendeu da minha bisavó, e assim de forma ancestral. Ali, onde minava a violência, coexistiam esses e também tantos outros afetos, como Bell Hooks afirma sobre as confusões de sinais, sentidos e significados, e as peças pregadas pelos pais nos filhos. Que me formaram, que formam a sociedade. No berço, no seio, no colo. Hoje eu precisei do colo da minha mãe, e pedi em forma de receita de massa para rechear. Foram nossos antepassados que nos deram a vida, e em muitos casos, nos ensinaram a vivê-la. De muitas formas. De muitas condições, e ainda nos ensinam. É o que gostaria de transmitir à Filha. É o que nos alimenta em tempos menos luxuosos - eufemismo. “Ela é mãe, filha e padeiro”. (ANGELI, 2008, p. 64) É esse amor que diverge, mas acolhe.

A Diretora do Restaurante Universitário representa a outra ponta do fio. É ela quem interrompe o almoço para comunicar que a Filha não tem o direito a entrar no Restaurante Universitário para que a Mãe e o Pai almochem. “Não está previsto”. “Não estamos preparados para”. Apenas as crianças cujos pais residam na Casa do Estudante Universitário. “É perigoso, não tem segurança para crianças”. Então para quem mora na CEU não importa se é seguro? Eu penso, o Pai pergunta, a Diretora se atrapalha. Dialogamos, *polidialogamos*, (não) concordamos. O sistema tenta dividir e conquistar, a Diretora é parte do sistema e precisa cumprir seu papel. Mas a Diretora recomenda um nome. Uma esperança. Para que a Filha possa entrar com a Mãe no Restaurante Universitário. Para que a Mãe possa comer.

Em meio a tantas discussões, olho para meus companheiros de viagem. Sentados em uma roda. Belíssimos, dentro da cabeça de alguma pesquisadora contemporânea. É como se uma câmera subjetiva passasse, mostrando um e outro personagem-viajante. Viajaram no tempo, no espaço. Viajaram pela teia de Indra para entrar nesta minha roda, a que emprestei do Nogueira. Trazem em suas bagagens muitas ferramentas-palavras, que contribuem para discutir o papel - importantíssimo - das relações entre nós mães e nós filhas na tessitura das transformações sociais, o

---

<sup>50</sup> ROLNIK, Suely. O prefácio da segunda edição, 2006. p. 11-22 **Cartografia sentimental**, 2011.

protagonismo e a potência existente nesses devires feministas, anticapitalistas, decoloniais da fala, da escrita, da vida, dos esforços para amar pela ação.

Minhas queridas *hermanas*, os perigos que enfrentamos como escritoras *de cor* não são os mesmos das mulheres brancas embora tenhamos muito em comum. Nós não temos muito a perder - nunca tivemos nenhum privilégio. Eu quis chamar os perigos de "obstáculos" mas isso seria um tipo de mentira. Nós não podemos transcender os perigos, não temos como passar por cima deles. Nós precisamos atravessá-los e esperar não ter que repetir a performance. (ANZALDÚA, 1979, 165)<sup>51</sup>

Viajaram comigo a partir das narrativas em que imergi, mergulhei, afoguei-me, e ressurgi por fim. E rimos. De mim mesma, de nós. E choramos. Por mim mesma, por nós. É isto: gostaria de fazer uma visualização mais panorâmica, mas eles estão todos dentro. Como num ovo, e o ovo quem pôs fui eu. Estão todos envolvidos, porque eu os envolvi. E eu, como guia de viagem, tenho tanta experiência quanto tenho como poedeira. Risos. Pausa.

*me perco  
dentro de um mar de sentimentos  
cruéis  
é realmente como estar  
se afogando  
e quanto mais eu  
luto  
mais e mais fundo  
me perco  
em mim  
uma mão surge  
da superfície  
esperança [?]  
seguro forte  
quero emergir  
porém, súbito!  
destruição  
com a mão vem o corpo  
meu heróico salvador caindo  
submergindo  
em mim  
afogando-se no mar cruel, rude, caótico  
indomável [?]  
só vejo morte  
desespero*

<sup>51</sup> ANZALDÚA, Gloria. **Speaking in Tongues: A Letter to 3rd World Women Writers**. 1979. Carta republicada na antologia feminista da mesma autora **This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color**. 1981. Disponível em: <[https://li.dikpora.sumbawabaratkab.go.id/download/15f0e0\\_speaking-in-tongues-a-letter-to-3rd-world-women-writers](https://li.dikpora.sumbawabaratkab.go.id/download/15f0e0_speaking-in-tongues-a-letter-to-3rd-world-women-writers)>. Acesso em: 18 nov 2022.

*escuridão  
 as almas colapsam  
 e toda essa dor é  
 insuportável [quase]  
 então, de repente, exatamente como veio  
 o mar se vai  
 me vejo, nos vejo  
 em terra firme, cobertos de areia e mar, feridas e dores  
 esse poema, acaba assim  
 vamos juntar mais uma vez nossos pedaços  
 e quem sabe um dia  
 eu que te salvo de mim.<sup>52</sup>*

Hoje me senti injustiçada, senti raiva, porque as namoradas transexuais da amiga transexual do meu namorado (que é madrinha da Filha) *não gostam muito* de crianças. Quase me afoguei de novo, quis revidar o preconceito, mas só saiu em forma de desabafo, com meu companheiro. Em tradução - o mais 'politicamente correto' que consegui, *não sei o quanto de transfobia cabe no adultocentrismo*. Sendo a sociedade adultocêntrica a mesma que tem gestado, parido, e formado todos esses assassinos transfóbicos, me espanta e me entristece que essas lutas (aqui ainda) não tenham se aproximado. Eu, como mulher, que sempre achei fascinante a diversidade do mundo, agora também Mãe, quero que minha Filha possa saber da vasta, enorme, infinita malha de possibilidades de existir. Para que ela seja assegurada de estar como quiser, e continuamente ser apreciada pela sua família, e o mais importante, por si mesma. Fica então balançado esse vínculo, e muitos questionamentos vão se formando, reproduzindo, multiplicando.

Afinal, o que é *não gostar muito* de crianças? O que é gostar? Como se mede o abstrato dos gostos? O que é criança? Todos nós fomos (somos?) crianças? Seria esse *não gostar de crianças* uma rejeição de si, uma recusa à própria história? Seria esse desgosto produzido em memórias frustradas da sua relação filha-mãe? Seria um reflexo, uma projeção da própria sociedade instituída, cujo discurso sobre gostar e cuidar das crianças é, no mínimo, injusto e desonesto? Seriam o *autoamor* e a *autoamizade* caminhos possíveis para um deslocamento desses desgostos? Pois muitos de nós, em inúmeros momentos, não gostamos muito de (nossas) crianças.

---

<sup>52</sup> Poema de autoria própria: "Estrela-do-Mar".

**autoamor e autoamizade**

*estava pensando sobre Auto amor e Auto amizade porque sente-se nesses últimos dias bastante apaixonada por si. Estranha, é um sentimento novo, diferente. Já não se sente mais tão solitária. Relembra quando era mais jovem e gostava de falar sozinha. Gostava bastante. Ela era bastante censurada por isso também, mas sente que está resgatando essa potência, na relação com a maternidade, com a Filha, com a terapia. Sente-se em um momento bom. Por exemplo, dias atrás estava fazendo uma escalda-pé e lavando a louça ao mesmo tempo. Ela foi lavar louça e fazer o escalda-pé ao mesmo tempo; em pé, com os pés numa bacia com água e sabão, lavando a louça na pia; acha muito gratificantes esses pequenos movimentos criativos, sente-se muito esperta, muito conectada consigo. Então essa relação de amizade que tem consigo é mais ou menos assim: um dia conversa em voz alta e dá risadas, gargalhadas, sozinha! Dança sozinha na frente do espelho! ela [a autoamizade] existe há bastante tempo... talvez alguns ajustes são necessários; uma certa honestidade, um pouco mais de felicidade e de seriedade nessa relação também... “eu falei cumplicidade! Não felicidade - risos” - mas aí a felicidade veio com eles. Felicidade: ela nunca tinha pensado muito sobre felicidade mas decide que pode ser encontro: ela própria, reencontrando com uma mulher que é, que está, que foi, que pode ser, para além da mãe, para além da feminista, para além da filha, (Re)encontrar-se, rir sozinha, fazer piadas que só ela entende (só ela entende?) “Estes pequenos detalhes... isso vai resgatando, reconstruindo o amor, com a potência egóica que a gente tem quando a gente é muito pequeno, quando acreditamos que o mundo gira em torno de nós: que somos maravilhosos!” Ela divaga nestas pequenas falas pronunciadas por si, percebe que foi perdendo isso, que durante muito tempo foi só, recusando-se a ser amiga de si, e agora vê-se querendo conversar consigo mesma; de forma pacífica e respeitosa. É um processo tão bonito, e tão único, tão especial.*

Este diário narra um ponto, uma imersão que é também uma pausa, mas frenética. Um frenesi imerso pausado em *loop*. Não corresponde - até porque nem poderia e nem é o que desejo com os diários - ao todo. Não é a borda do contorno da cartografia de mim. De nós. É o tesouro. É o centro, é o que eu achava que estava

procurando. Neste momento, “[...] perplexo, você nota que a personagem, embora constrangida, insiste” (ROLNIK, 2011, p. 34). Nesse momento, *gruda*.

Gruda na máscara de noivinha, como se ela fosse sua essência. De medo de despedaçar, você percebe; de medo de fracassar, pensa ela, certamente. A máscara nupcial, para se manter, já que não está mas sendo irrigada afetivamente, se enrijece a olhos vistos. E a rigidez parece ser tão forte quanto aquilo que ela tem por missão negar: o movimento de partículas soltas, partículas loucas. Uma "noivinha-que-gora-e-gruda", você nomeia, continuando suas observações. (*Idem*)

Este é um momento intenso de auto conexão que afeta a pesquisa teórica de uma forma, que não me interessa tanto nesta parte. O que interessa é como afeta o pensamento de mim sobre mim comigo. Mas aí é que está a ‘pegadinha’: não existe *mim* sem *nós*<sup>53</sup>. Neste momento em que escrevia, estava tomada da euforia da reconexão; embriagada em meu próprio ego, agarrada à criança que fui, que sou. Mas o depois, o decantar, a viagem mais concentrada, calma e honesta pela memória, na busca por afetar-se pelas exigentes exortações de Chopra, Jung, Gutman, Nietzsche, Rolnik, atualizam a perspectiva. Seguimos, então.

Venhamos a nós, Mãe *com* Filha. Porque tem mãe *sem* filha. Como minha irmã, *sem* Ela, nossa pequena grande luz, que iluminou o planeta por longos, mas tão curtos, cinco meses. Dia doze de fevereiro veio a nós. Com tantos nós e tão pouca gente, com tão pouca disposição e tão poucos recursos - aqueles que o capitalismo demanda para a não-morte, que o que talvez seria possível, não foi. E sem criar suas próprias memórias da vida e do mundo, “Ela se foi”<sup>54</sup>. Ficando a mãe órfã. Mas Ela, com seus sorrisinhos, seus dedinhos e seus *resmunguinhos*, também ficou. E se depender de mim, de nós, ficará para sempre. Em nós, em mim, na Mãe, na Filha.

### ***ela, Mãe da Filha***

*A Filha dá os primeiros 2, 3 passinhos dela sozinha; a Mãe faz carinho num cavalo com a Filha, esta tenta comer uma pedra. Tenta comer várias pedras, mas a Mãe consegue driblar; aí em meio segundo que a Mãe olha para o lado, quando volta a atenção para Filha, ela estava com a boca toda suja tentando comer a pedra! Saem para colocar o lixo na rua, Filha já segurando a mão da Mãe com uma mão só...*

<sup>53</sup> NOGUERA, 2018, ROLNIK, 2011, página

<sup>54</sup> mensagem que minha irmã me enviou, momentos depois dEla ter ido.

*Depois iriam à farmácia, mas Filha estava com muito sono e dormiu... Ela já dá tchau, já tem 7 dentes, quer falar mama babá tatá. gente quanta coisa! hoje de manhã a Mãe arrumou um café para o Pai (porque ele tinha dormido mal e ela queria fazer um agradinho); daí quando foram levar, Filha no colo junto, e conversaram: “a Mãe vai levar a fruta e o bolo na mão direita, e você e o café na mão esquerda” coloca a mãozinha dela com cuidado na xícara e avisa: “está quente”, e que não era bom ela tentar pegar o café, senão as duas iriam se queimar, e ia doer; confia nela, e ela não tenta pegar o café nenhuma vez! “Confiei na nossa capacidade de nos entender, entendeu?” Essa capacidade, se constrói com a escuta com respeito e confiança. São estes detalhes micropolíticos que a fazem sentir esperança de que elas (crianças-mães e crianças-filhas), podem sim acabar com o mundo. Sua orientadora já dizia que a ideia é uma transformação extrema mesmo, radical. Ao mesmo tempo, como falava seu companheiro, essa transformação radical precisa se dar em processo gradual. “Para que ‘eles’”, repetia a si mesma, “não nos sabotem<sup>55</sup>, para que eles não saibam”. Mas eles sabem. Sabem sim. Sabem que insistimos em dar um passo, mas não nos daremos por satisfeitos. Vamos querer dar o próximo. E o próximo. Quem são eles? Eles são ‘os instituídos’. As pequenas partes que resistem às atualizações. As pessoas (fora e dentro de nós) que lutam pelo status quo. A qualquer custo. A qualquer custo?*

*“Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio, quero que tu morra!”, frase constante repetida em discussões, enquanto criança-filha, dirigindo-se à própria mãe, geralmente em uma transe de sentimentos de raiva, mágoa, injustiça, medo, desamparo, confusão. Geralmente após episódios de violência.*

É preciso explorar o sentido dessas palavras (gritadas!) com alma, como propõe Suely Rolnik, de acordo com a resenha escrita por Aguiar e Bonetto:

Segundo a autora, para as comunidades indígenas Guarani, a palavra garganta tem um significado “ninho das palavras-alma” onde as palavras têm alma, com base nesta simbologia Rolnik sugere que possamos desatar os nós de afetos que produzem em nossa garganta. (2020, p. 1333)

---

<sup>55</sup> Aqui, nós e eles constituem os pólos ‘opostos’ ou ‘inimigos’, que denotam separação, fragmentação de si, limitação e prisão em significados que aspiram permanecer imutáveis, aprisionar e controlar o tempo sob sua vontade. (NIETZSCHE, 2010, CHOPRA, 2010, NOGUERA, 2018, ROLNIK, 2011)

O que quer dizer com ódio? e com acabar? quem é esse tu que quer que morra? que mundo é esse que deseja devorar inteiro? por quê? pra quê? como? “A ameaça de ‘acabar com o mundo’ indicaria tão somente, um desejo incontrolável das crianças – seres que habitam a infância por excelência – em descobrir os sabores do mundo” (NOGUERA, 2018, p. 639). Afinal, tenho muito a acrescentar à discussão, ainda que aos gritos. Afinal sou mãe. E filha. Jamais esquecer que sou filha.

*jamais esquecer que sou filha  
 todo homem é uma ilha é o que a Bell Hooks diria?  
 e a mulher é o quê?  
 e a mãe? e a filha? e o homem-pai?  
 coisas que de mim não sei,  
 disse o Leonardo (não foi o Leonardo) -  
 meu companheiro falou  
 e o filhote de Guepardo, mas o que isso tem a ver?  
 isso eu não sei dizer, meu cérebro embaralhou  
 jogou  
 surrealismou  
 a criança, a filha  
 validou  
 dias atrás lembrou-se das músicas  
 aquelas infantis  
 de infância  
 de não falar, de queimar, censurar  
 alimentar o fogo do fogão, cozinhar a d(r)epressão  
 e dizer chamar amor  
 que foi assim que deus mandou,  
 não cabe a nós questionar  
 muito menos duvidar e a arte politizar  
 arte é hobby, é besteira  
 de segunda a sexta feira temos é que trabalhar  
 está ali a filha a chorar, e a mãe a trabalhar  
 recusa-se a parar, no seu árduo  
 dedilhar que acabou de começar  
 tem no peito seu aperto que "escolhe" ignorar  
 sofre, chora e ri por dentro, e  
 por fora  
 como (não) era de se esperar  
 filha eu não sabia, o que era me frustrar, nem a palavra conhecia - frustração  
 mas isso não me impedia -  
 óbvio - de me frustrar*

*como mulher sou confusa,  
humana-bicho descontrolado  
sob controle,  
medicado,  
terapeutizado.  
incapaz (?) de meditar  
como mãe é dedicado, mas vive a se culpar  
e tentando controlar, muitas vezes enviesado  
e como filha, nem sei  
mais carente que o rei  
de uma ilha inabitada.*

Este poema, a cada releitura, me tira o fôlego. Me envergonho e, ao mesmo tempo, me orgulho.

Desde a infância, encontrei muitos dos meus anjos em autores favoritos, escritores que criaram livros, os quais me prepararam para entender a vida em sua grande complexidade. Estas obras abriram meu coração à compaixão, ao perdão, e à compreensão. Em suas memórias *Are You Somebody?*, a jornalista irlandesa Nuala O'Faolain escreve sobre a natureza salvadora dos livros, declarando: "Se não existisse mais nada, valeria a pena viver para ler - obviamente".<sup>56</sup>

Ao longo dos processos de escrita, reserva, esquecimento e reabertura dos diários, a cartografia permitiu atualizar, inventar novas formas, se deixar permear pelos afetos cotidianos com encantamento, surpresa, delicadeza e empatia, como será possível observar olhando o próprio processo narrativo da pesquisa, que está parcialmente embaralhado na contribuição narrativa trazida por este diário dos

### **processos**

*sente a necessidade de considerar também para seu processo de escrita, mais uma pista no meio do caminho. mais um tempo. mais uma tecedura. mais um porém. Pensa nisso com a intenção de justificar o atraso para sua mãe. Que mal ganhou o Tablet, recém começou a entender os processos os funcionamentos do aparelho em si, dos programas etc. além das questões práticas de tempo, entre o maternar e o cuidar da casa, dos filhotes felinos, da pesquisa; está em meio a outra*

---

<sup>56</sup> HOOKS, 2001, p. 234-235 From childhood on, I found many of my angels in favorite authors, writers who created books that enabled me to understand life with greater complexity. These works opened my heart to compassion, forgiveness, and understanding. In her memoir *Are You Somebody?*, Irish journalist Nuala O'Faolain writes about the life-saving nature of books, declaring, "If there was nothing else, reading would - obviously - be worth living for." *Tradução livre.*

pesquisa, outra jornada de aprendizado, que tem feito de forma autodidata, em parte por escolha, em maior parte por burrice. no sentido de não pensar da palavra. No sentido humano de não pensar. Nesse meio tempo, sente fome. De comida mesmo. Pão. O circo já tem. Desiste de acompanhar o fluxo dos próprios pensamentos. Percebe que está escrevendo parecido com a Clarice Lispector. Súbito, lembra por que é importante acompanhar o fluxo: estava pensando nessa escrita como arte. Precisa compartilhar esses pensamentos. Lembra-se do Adams e sua trilogia de cinco<sup>57</sup>. Ri. Considera momentaneamente nesse momento que paira pausado no tempo que cartografa, que isto será também parte dos diários da pesquisa, sendo que esse momento é seu. Pensando nesse momento como seu, consegue entender por que se sente tão culpada em demorar-se nele. Suspira uma constatação que constata pela milésima vez, e em cada uma delas sente como uma epifania inédita: **“me perco é nos pontos, nos meios, nas pausas. nas trocas. trocas. de papéis, personagens performance. o corretor sugeriu sujo e pelejando agora há pouco. é como sinto meus dedos. tenho medo de me perder nas pausas”**. Finaliza o suspiro, sente-se grata. Faz uma breve oração: “obrigada, Julia Cameron. obrigada Glória Anzaldúa”. Pensa em algo para finalizar, mas não lhe vem nada. Nada. “nado. não sei nadar”. Grita um “obrigado, mãe” amargo, sarcástico, silencioso. Enxerga nessa toda [nesse todo] muitas condições de possibilidade de ser: escritora, rebelde, diferente, pertencente. De aprender a nadar. E acha que pode. parece que pode mesmo. Ri-se: “pois não tô dizendo que esse mundo é doido? no fim tava certo. a mãe disse que o mundo tá virado”. Responde a si mesma e à sua mãe, a que carrega consigo, na pele e na alma: “tá mesmo. ó, mainha: virado e revirado”. Sai de cena satisfeita com sua performance. Faceira, vai ler o Chopra, atirando um beijo pra do comer rezar amar<sup>58</sup>.

Peço desculpas pelas meias-verdades e mentiras inteiras, “[...] pois sou criança e não aprendi a amar”<sup>59</sup>

<sup>57</sup> ADAMS, Douglas. **The Hitchhiker's Guide to the Galaxy**. BBC Radio 4, 1978.

<sup>58</sup> pra Elizabeth Gilbert, autora do livro **Eat, Pray, Love** e pra Fernanda Abreu, que traduziu o mesmo sob o título de **Comer, Rezar, Amar** (Ed. Objetiva, 2016), disponível para compra no site da Amazon Prime: <<https://www.amazon.com.br>>. Acesso em 19 nov 2022. E pra minha madrinha, cujo maior presente foi ter confiado a mim o livro traduzido, por alguns dias.

<sup>59</sup> Cassia Eller, **Malandragem**. 1994. Disponível no Youtube. Acesso em 28 out 2022.

Vejam bem, ao me deparar com os diários, olhá-los novamente, soprar a poeira acumulada, senti tantas coisas, mas o que realmente me marcou foi o desconforto. A dureza com que censuro minhas próprias palavras, como, por discordar de partes do discurso, tenho o ímpeto de desvalidar, apagar, fazer nunca ter existido. E isso é o *loop*, que parece eterno, em que está presa minha mente. No presente, tento fazer o melhor que eu posso, mas, em vez de me inspirar em uma visão futura, nas possibilidades, fico muitas vezes presa nos ressentimentos dos erros do passado. E esse ressentir, esse rejeitar a própria história, paralisa. Fragmenta. Dissocia. Gruda. Mas quando, por fim, desgruda, e abraço a imensidão das possibilidades do real, na constituição de si, de nós, sou tão poderosa quanto a Rihanna. Aliás, somos.

Eu sou amiga do monstro  
que está embaixo da cama  
Fiz as pazes com as vozes  
Dentro da minha cabeça  
[...]  
E você acha que eu sou louca  
Você acha que eu sou louca!  
Mas isso não é nada...<sup>60</sup>

Fazer as pazes com meus monstros e as vozes de dentro da minha cabeça - meus próprios sonhos, delírios, desejos e frustrações. Respeitar minha história, ser grata pelos ensinamentos colhidos, e honrá-la através disso: perdoar-se, perdoar o mundo, e inventar novos caminhos a partir de velhos caminhos. Consciente da inevitável conexão entre futuro, presente e passado. Para que o ciclo seja rompido, precisamos estar dispostos a errar. E depois acertar. Precisamos estar dispostos ao processo. Como Mãe, na relação com a Filha, tudo é processo, tudo é mutável, tudo é questionável. Não sou, estou. A potência imanente habita o questionar o próprio processo, está no (des)embaralhar dos direcionamentos que estão sendo seguidos. As possibilidades são imprecisas, inconstantes. Estão em constante movimento.

Dispomos todos de uma subjetividade flexível, experimental e processual e nossa força de criação em sua liberdade de experimentação não só é bem percebida e recebida, mas ela é inclusive, insuflada, celebrada e frequentemente glamourizada. Mas há um porém, e que não é dos mais negligenciáveis: o principal motivo dessa força hoje não é a invenção de

---

<sup>60</sup> Eminem, Rihanna. **The Monster**. 2013. "I'm friends with the monster/that's under my bed/Got along with the voices/inside of my head/And you think I'm crazy/You think I'm crazy/But that's nothing". Disponível no Youtube. Acesso em 28 out 2022. *Tradução livre*.

formas de expressividade para as emanções do corpo vibrátil<sup>61</sup> [...].  
ROLNIK, 2006, p. 18

Negar essa conexão não faz com que ela se perca na existência, como eu e muitos, muitas vezes desejamos<sup>62</sup>. Põe-nos em risco de perder a força sobre nós mesmos, e reduz nossas possibilidades de escolha ao responder: para onde?

O capitalismo [...] apropriou-se da potência de criação que então se emancipava na vida social, para colocá-la, de fato, no poder. [...] se trata aí de uma operação perversa, cujo objetivo é o de fazer desta potência o principal combustível de sua insaciável hipermáquina de produção e acumulação de capital. (idem, p. 18)

E assim, perdidos, somos mantenedores da colonização capitalística de nossas potências de criação. Colonizamos nossa existência. Mas o poder real para protagonizarmos nossas maternidades, *filheidades* e humanidades, ainda habita a imanência, ainda está *entre* nós. Essa força, ainda que esteja cafetinada pelo/no capitalismo, tem seu ninho de criação, (portanto potência de destruição) em nós, animais humanos pré-capitalistas.

---

<sup>61</sup> ROLNIK, Suely. O prefácio da segunda edição. 2006. p. 11-22 **Cartografia sentimental**, 2011. *corpo vibrátil* p. 12

<sup>62</sup> *o desejo é o veneno do ego*. Pensamento obtido a partir do vídeo **Não confie no seu verdadeiro eu**. Luiz Hanns. Disponível no Youtube.

## **Considerações entre nós; diário final. mortes não finais.**

*A coragem, entretanto, é o maior matador, mata até a própria morte, pois diz: “A vida era isto? Pois muito bem! Vamos começar de novo!”*<sup>63</sup>

Em respeito à memória ancestral daquela, que foi, será e é eternamente. E à sua mãe, que teve coragem para escolher estar presente e se deixar afetar, mesmo sob ameaça da ausência iminente: “[...] no invisível da atração, cada um acaricia a ‘alma’ do outro e lhe diz: ‘tua vida faz sentido, tem charme’. [...] Diante de você está uma ‘aspirante-a-noivinha-que-vinga’” (ROLNIK, 1989. p.27)

Parece que a criança representa o tempo que precisa ser colonizado. Colonizar o tempo? Ah, é tipo assim: quando a gente acha que tudo tem o jeito certo de se fazer e que tem de ser assim porque é assim que tem de ser e ponto final; ou quando a gente acha que tudo que acontece tem uma causa certa e que, por isso, se a gente conhecer a causa, a gente pode prever o futuro e assim fazer o que quiser com ele. É isso! Eu acho que cheguei ao ponto, porque penso que é aí que está a catástrofe! Pois logo, logo vemos que, por mais que nos esforcemos, não conseguimos realizar o projeto inteiro, completo, “perfeito”. Algo sempre sai dos eixos. (2014, p. 63)<sup>64</sup>

Nesse sentido, como conviver com as ânsias de concluir, finalizar, esgotar, satisfazer um tema? Como *polidialogar*? Como abrir mão do controle, como aproveitar da vida que habita o escrever e o pesquisar, e o materno, abrindo mão de aprisionar o tempo? Onde criar encontros? E com quem? Se as relações entre mães e filhas podem ser transformadoras, também o podem tantas outras. O potencial que habita em nós saúda o potencial que habita em *todos* nós. Como *infanciarizar* um planeta inteiro, com um sério problema de memória?

*A Filha ama comer ovinhos de codorna. A Mãe descasca o ovo sempre. Mas por quê será? a Filha pensa. Tão gostoso, será que a casca dá pra comer também? Come. Só uma vez. Não reclama, mas não come mais. Prefere o ovinho descascado. Mas agora ela **sabe** disso. Porque **se dispôs** a **experimental**.*

---

<sup>63</sup> NIETZSCHE, 2012, p. 154

<sup>64</sup> Vitória, 20 de setembro de 2012. **Carta à infância**. p. 61-67. BERNARDES, Anita Guazzelli. TAVARES, Gilead Marchesi. MORAES, Márcia. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia**. EDUFES, Vitória, 2016.

“Na verdade, esta resignificação é apenas provisoriamente a última: se funciona é somente até que se imponha a necessidade de descobrir/inventar novas cartografias, novos mundos” (ROLNIK, 2011, p. 26).

### **Diário final**

*Super ponto de convergência: conversa do Pai com a Mãe sobre a conversa do pai com a mãe do Pai sobre o pai do Pai. O perdão como uma ação conjunta de reconstrução da ponte entre quem ofendeu e quem foi ofendido. O processo que se encaminha para a criação de condições de possibilidades da não-violência, do amor bellhookiano, necessariamente passa pelo dar-se conta e admitir a existência das violências. Não há atalhos. Não há fórmulas. Não há atalhos. Não é possível pular etapas. É no processo, honesto e inteiro, que se produz o perdão. Que se constrói a reconexão. Que se resgatam amores e relacionamentos. É um dia de cada vez, uma ação a cada possibilidade. Toda experiência vivida tem potencial formativo. A possibilidade de apre(e)nder está sempre latente, pulsando, mais ou menos acessível à mente consciente. É único, intenso, doloroso. É urgente e já começou. “Eu, a Mãe e a Filha somos uma coisa só agora”. Mãe-Filha-Espírito Santo. Eu sou o Espírito Santo. E a Filha. E a Mãe.*

Finalmente entendi a metáfora bíblica: não é uma relação fusional ou simbiótica. É um devir junto, um me constituo com. Mas a partir de cada ação cotidiana, e não de afirmações, de palavras, vazias de sentido. É a santíssima trindade, é possível, e para cada tríade, o processo é singular, e ao mesmo tempo reverbera no coletivo. É também coletivo, ao passo em que ressoa singularidades símile, sublinhando a unicidade de cada relação, e “[...] para que este processo se oriente na direção dos movimentos de afirmação da vida é necessário construí-lo com base nas urgências indicadas pelas sensações, ou seja, os sinais da presença do outro em nosso corpo vibrátil” (ROLNIK, p. 20)<sup>65</sup>.

Estamos chegando à estação final desta viagem. Para mim, por ora. Alguns continuarão viajando, outros pausaram antes ainda. No final da história, minha mãe tem razão: viajei demais. Precisei pegar uns atalhos no caminho e encurtar a viagem, pois pousei por tão pouco tempo em alguns pontos que seria injusto e desonesto

---

<sup>65</sup> ROLNIK, Suely. O prefácio da segunda edição, 2006. p. 11-22 **Cartografia sentimental**, 2011.

mantê-los aprisionados nas limitações daqui, apenas por apego. Voltarei a viajar com eles com mais demora, ou outras de nós o farão, fazem, estão fazendo. Por enquanto, como uma guia de viagem e cartógrafa amadora, arriscarei alguns aprendizados passíveis de questionamentos, movimentos, deslocamentos. (Re) aprendi a descer no escorregador.

*Escorregador: escorrega a dor. Dói a bunda. Posso escrever “bunda”? Ou preciso censurar? Engraçada essa ideia de nomear a bunda e depois censurar o nome da bunda. Parecido com criar o filho e depois censurar o filho que você criou. Delírios e devaneios, medos e coragens. Nos diários cotidianamente arrisco. Nos cotidianos diariamente evito. Mas nesse dia escorreguei no escorregador. Faziam muitos anos, mas a Filha estava ali, olhinhos atentos, o pedido nítido: queria que a Mãe demonstrasse experimentasse primeiro, como fez com a banana, no diário das duas mães na Sala de Aula. Afinal, a díade mãe-bebê ainda não dissolvida, promove o impulso, compartilha a coragem, produz o riso. De dor. Doeu a bunda. A Mãe é pesada demais pro escorregador. Fui mais uma vez.*

Outro aprendizado que trago dessa jornada de imersões e pausas, pistas e encontros, é que maternar, relacionar-se com sua cria é uma arte, uma constante performance, um dançar conforme a música. E que nisso há muito rascunho, muito esboço, muito ritmo descompassado e muito bloqueio criativo! Mas aprendi também que as vivências desse processo, conforme vamos nos deixando afetar, podem nos fortalecer e nos ensinar *mundos*.

Nossa hipótese afroperspectivista, as crianças precisam experimentar a vivência infantil de proximidade com outros sujeitos morais não-humanos, tais como as plantas, vegetação, diversos animais de outras espécies que dividem o bioma. De modo que possam ter o que aqui denominamos de “experianças” (experiências + crianças) que são condições de possibilidade da infancialização. Em termos afroperspectivistas, especulamos que experianças remetem a abertura de dialogar com coisas animadas de outras espécies e seres inanimados. No contexto Guarani, a infância permite justamente uma politização da natureza e uma naturalização da política. O que podemos descrever como um modo de tomar a natureza como um sujeito, uma perspectiva que faz par com o entendimento de que a política não é uma invenção humana; mas, um sistema dinâmico intrínseco aos ciclos ambientais, climáticos e inúmeros fenômenos naturais (KOPENAWA & ALBERT, 2015). Uma compreensão que pode ser resumida na ideia simples de que as pessoas humanas devem se entender como crianças para assumir que a natureza tem sempre algo a dizer. NOGUERA, 2018, p. 634-635

Aprendi sobre a importância da difícil tarefa que é transformar em potência coletiva as vontades mais egoístas, para caminharmos juntos em direção à construção

de uma sociedade mais justa, com disposição para pesquisar sobre o amor. Para pesquisar *com* amor. Para compartilhar amores, para compartilhar encontros. O que mais me espanta é que aprendi tudo isso depois da escola. Depois da faculdade até, se considerar que concluí quase todas as disciplinas do curso. Ou seja, depois de ser gente grande. Depois de ser mãe.

Em tempo, acredito que é na *ação* movida pela *disposição* em acolher a própria história e a realidade honestamente, e se deixar permear por seus afetos, que se faz possível aprender *com* os outros, para que o processo de conexão *entre nós* avance, evolua, se aprofunde.

A ex-noivinha brasileira identificará na lógica antropofágica um modelo para a subjetividade flexível que então se instala por todo o planeta e, graças a esta tradição, ela verá no Brasil um know how excepcional para o contemporâneo. A promessa fica em aberto e com ela o livro se encerra. ROLNIK, 2011, p. 17

Quero experimentar essa tranquilidade de quem planeja um pouco, mas gosta mesmo é da aventura de viver. Das experiências. Experiências *com* as (nossas) crianças. Experimentações *entre* mim e nós, considerando como nós *todes, todas, todos* nós, filhas/es/os de uma mãe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Douglas. **O Guia do Mochileiro das Galáxias: não entre em pânico.** Volume um da trilogia de cinco. 196p. Ed, Popular. São Paulo: Arqueiro, 2010.

AGUIAR, Alessandra Aparecida Dias. BONETTO, Pedro Xavier Russo. **Resenha de: Esferas da Insurreição:** Notas para uma vida não cafetinada. [Suely Rolnik. São Paulo: n1 edições, 2019. 208 p.] Revista Filosofia. e Educação, Campinas, SP, v.12, n.2, p.1332-1337, 2020. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/artigos/dias\\_bonetto\\_01.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/artigos/dias_bonetto_01.pdf)>. Acesso em 28 out 2022.

ANZALDUA, Gloria. **This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color.** 1981. Disponível em: <[https://li.dikpora.sumbawabaratkab.go.id/download/15f0e0\\_speaking-in-tongues-a-letter-to-3rd-world-women-writers](https://li.dikpora.sumbawabaratkab.go.id/download/15f0e0_speaking-in-tongues-a-letter-to-3rd-world-women-writers)>. Acesso em: 18 nov 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida.** 557 p. vol. 2. 3 ed. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2016. Título original: *Le Deuxième Sexe*.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 339 p. 3 ed. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2016. Título original: *Le Deuxième Sexe*.

BERNARDES, Anita Guazzelli. TAVARES, Gilead Marchesi. MORAES, Márcia. **Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia.** EDUFES, Vitória, 2016. 162 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/1630>>. Acesso em 20 nov 2022.

CAMERON, Julia. **O caminho do artista.** 272 p. Ed. Sextante. Tradução de Leila Couceiro. Rio de Janeiro, 2017. Título original: *The Artist's Way*.

CHOPRA, Deepak. FORD, Debbie. WILLIAMSON, Marianne. **O efeito sombra: encontre o poder escondido na sua verdade.** 256 p. Ed. Lua de Papel. Tradução de Alice Klesck. São Paulo, 2010. Título original: *The Shadow effect: illuminating your authentic self*.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Cap. 8, 9 e 10. p. 177-238. Ed. Artmed 3ª ed. Porto Alegre. 2010.

DOMÍNGUEZ, Marta Maceira. RIVAS-QUARNETI, Natalia. GONZALO, Nuria García. **“Yo lo parí y él me dio la vida”:** estudio de la transición ocupacional vinculada a la maternidad de dos mujeres con trastorno mental. p.271-285. Universidad de A Coruña, Galicia. jan. 2018. Cad. Bras. Ter. Ocup. v.26. n.2. UFSCar. São Carlos. 2018. Disponível em: <<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1942>>. Acesso em 20 nov 2022.

ESCÓSSIA, Liliana da. KASTRUP, Virgínia. **O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade.** p. 295-304. Rev. Psicologia em

Estudo. vol. 10, n. 2. Maringá, mai./ago. 2005. Disponível em:  
<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-416765>>. Acesso em 20 nov 2022.

FILHO, Kleber Prado. TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. p. 45-59. Rev. Barbarói. n.38. Santa Cruz do Sul. jan.-jun. 2013. Disponível em:  
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471>>. Acesso em 20 nov 2022.

FONSECA, Tania Mara Galli. NASCIMENTO, Maria Lívia do. MARASCHIN, Cleci (organizadoras). **Pesquisar na Diferença: um abecedário**. 261p. Ed. Sulina. Porto Alegre. 2012. Disponível em:  
<[https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2016/08/Pesquisar-na-Diferenca\\_Um-abeceda%CC%81rio.pdf](https://vocabpol.cristinaribas.org/wp-content/uploads/2016/08/Pesquisar-na-Diferenca_Um-abeceda%CC%81rio.pdf)>. Acesso em 20 nov 2022.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo**. Tradução de Jorge Coli. 86p. Ed. Paz e Terra. 5ed. Rio de Janeiro. 2008. Título original: *Ceei n'est pas une pipe*. Disponível em:  
<[https://monoskop.org/images/4/46/Foucault\\_Michel\\_Isto\\_nao\\_e\\_um\\_cachimbo.pdf](https://monoskop.org/images/4/46/Foucault_Michel_Isto_nao_e_um_cachimbo.pdf)>. Acesso em 20 nov 2022.

GOULART, Dominique Assis.. **“MÃE É MÃE”**: O ESTEREÓTIPO DA MATERNIDADE NA CRIMINALIZAÇÃO DE MULHERES POR ABORTO E POR CRIMES COMISSIVOS POR OMISSÃO. 2018. Disponível em:  
<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/190015/001086724.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 jul 2022.

GUTMAN, Laura. **A biografia humana: uma nova metodologia a serviço da indagação pessoal**. 294p. Ed. Best-Seller. 1ed. Tradução de Mariana Corullón. Rio de Janeiro, 2016. Título original: *La biografía humana*.

GUTMAN, Laura. **A maternidade e o encontro com a própria sombra: o resgate do relacionamento entre mães e filhos**. 320p. Ed. Best Seller. 10ed. Tradução de Luís Carlos Cabral e Mariana Corullón. Rio de Janeiro, 2017. Título original: *La maternidad y el encuentro con la propia sombra*.

GUTMAN, Laura. **O poder do discurso materno: introdução à metodologia da construção da biografia humana**. Tradução de Lizandra Magon de Almeida. 200p. Ed. Ágora. 4ed. São Paulo, 2013. Título original: *El poder del discurso materno*.

HANNZ, Luiz. 2019. **Não escute seu verdadeiro eu**. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=fLkGgtXEdKM>>. Acesso em 20 jun 2022.

HOOKS, Bell. **All about Love: new visions**. 239p. Ed. Harper Perennial. New York City, 2001.

MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é Performer**. p. 115-137. Rev.

Educação & Realidade, v.35 n.2. UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444>>. Acesso em 20 nov 2022.

MACHADO, Marina Marcondes. **A flor da vida: Sementeira para a fenomenologia da pequena infância.** 183p. PUC-SP. São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/16289>>. Acesso em 20 nov 2022.

MACHADO, Marina Marcondes. **O imaginário infantil como trabalho-em-processo.** p.281-195. Rev. *childhood & philosophy*. Rio de Janeiro. vol.6, n.12. jul.-dez. 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/download/20547/14873>>. Acesso em 20 nov 2022.

LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** Disponível em: Minha Biblioteca, (9th edição). Grupo GEN, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** 256p. Tradução de Renato Zwick. Ed. L&PM. Porto Alegre, 2010. Título original: *Jenseits von Gut und Böse*.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra.** 325 p. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2012. Título original: *Also Sprach Zaratustra*. 12ª reimpressão - 2017.

NOGUERA, Renato. **Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais.** p. 398-419. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. vol.1, n.15. Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/download/4532/2447>>. Acesso em 20 nov 2022.

NOGUERA, Renato. BARRETO, Marcos. **Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas.** p. 625-644. Rev. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 31, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6593654.pdf>>. Acesso em 20 nov 2022.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método de cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** 207p. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4077338>>. Acesso em 20 nov 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 303p. Ed. Estação Liberdade. São Paulo, 1989.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** 160p. 1ª ed. Ed. Agir. Rio

de Janeiro, 2016. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Título original: *Le petit prince*.

SHWARZ, Débora Thais. PRETTO, Bernardete. **Um olhar da psicologia para as relações de maternagem: ser filha para poder ser mãe.** p.140-156 Rev. Destaques Acadêmicos. v.10. n.3. Lajeado, 2018. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/viewFile/1939/1402>>. Acesso em 20 nov 2022.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar.** 146p. Ed. Coysseus. [S.l.] Disponível em: <[https://www.academia.edu/40340547/O\\_Espirito\\_da\\_Intimidade\\_Sobonfu\\_Som%C3%A9](https://www.academia.edu/40340547/O_Espirito_da_Intimidade_Sobonfu_Som%C3%A9)>. Acesso em 20 nov 2022.